

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Tecido urbano colectivo: novas passagens

Sara Alexandra Borges de Jesus

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadora:

Arq.ª Patrícia Maria Serra Mendes Barbas, Professora Auxiliar Convidada ISCTE-
Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2020



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

Tecido urbano colectivo: novas passagens

Sara Alexandra Borges de Jesus

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores:

Arq.ª Patrícia Maria Serra Mendes Barbas, Professora Auxiliar Convidada ISCTE-
Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2020

2.^a edição de
**ARQUITECTURAS DA CIDADE:
O QUE TE FAZ FELIZ?**
de Atelier O que te faz feliz na Cidade.

**TECIDO URBANO COLECTIVO:
NOVAS PASSAGENS**
Sara Alexandra Borges de Jesus

Dezembro de 2020

Campo Ourique, Tv. Cabo 10

ATELIER
PATRICIA BARBAS

ARQUITECTURAS
DA CIDADE:

O QUE TE
FAZ FELIZ?

Aos professores, Patrícia Barbas e Joaquim Moreno, pelo apoio durante este ano.

Aos pais e à Inês, por estarem sempre presentes.

Aos amigos, por estes cinco anos.

Resumo

As cidades, são uma consequência da história, compostas por diversas camadas. Através do tecido urbano, e da análise do mesmo, é possível perceber estes vários tempos, o crescimento e os interstícios por eles deixados.

As passagens, surgem como elemento articulador do tecido urbano, permitindo relacionar ruas, lugares, revitalizar espaços e dar nova vida aos interstícios das cidades.

Palavras-chave: Tecido urbano, Permeabilidade, Passagens, Materiais

Abstract

The cities, are a consequence of history, composed by different layers. Through the urban morphology, and the analysis, it is possible to perceive these various times, the growth and interstices left by them.

The passages emerge as an articulating element of the urban morphology, allowing to relate streets, places, revitalize spaces and give new life to the interstices of cities.

Palavras-chave: Urban morphology, Permeability, Passages, Materials

TECIDO URBANO
NOVAS PA

INTRODUCAO

1 PASSAGENS

5

PASSAGENS DE PARIS

RECONVERSAO CHIADO

QUARTEIRAO IMPERIO

2 MATERIAIS

23

3 NOVAS PASSAGENS ALTO SANTO AMARO

33

CONCLUSAO

59

**NO COLECTIVO:
PASSAGENS**

As passagens, desde cedo surgem na arquitectura, como elementos articuladores do tecido urbano, criando atravessamentos, caminhos mais curtos ou vencendo desníveis topográficos. No Alto de Santo Amaro, e como resposta a “O que te faz feliz na cidade?” colocada no início do ano, trabalhar estes espaços intersticiais, criando ligações necessárias ao bairro foi o mote que orientou todo o tema de trabalho.

A investigação está dividida em três capítulos, que consistem numa aproximação gradual ao projecto das Novas passagens do Alto de Santo Amaro. No primeiro capítulo – Passagens – procurou-se, através dos exemplos de três casos de estudo: Passagens de Paris, Reconversão do Chiado, Quarteirão Império, demonstrar diferentes formas de atravessamentos urbanos e as suas consequ-

ências no tecido urbano. No segundo capítulo – Materiais – partindo da abordagem ao tema do bricoleur e ao seu processo de pensamento, escolher os materiais definem o projecto, assim como os diferentes módulos que o compõem. Por fim, no terceiro capítulo – Novas passagens no Alto de Santo Amaro – onde se introduz o local do Alto de Santo Amaro e os diferentes modos de aplicação dos materiais ao local de intervenção, consoante as suas particularidades.

Passagens

Passagens de Paris

Na abordagem ao capítulo – Passagens – procurou-se, através do exemplo de três casos de estudo, perceber de que forma esta tipologia singular de espaço público, a passagem, se adapta ao tecido urbano da cidade. Um primeiro caso de estudo, as passagens cobertas de Paris, exemplo incontornável ao falar sobre o tema por ser o local onde foi construída a primeira passagem, e dois casos de estudo em Lisboa, ambos localizados zona histórica da cidade, A Reconversão do Chiado de

Passagem Jouffroy. Fonte: GEIST, Johann Friedrich – Le passage. Un type architectural du XIX siècle, Bruxelles: Pierre Mardaga, 1982.



Siza Vieira e o Quarteirão Império de Gonçalves Byrne.

Passagens cobertas de Paris

As passagens cobertas de Paris, surgem, entre 1786 e 1830, como continuo ao Palais-Royal, um dos primeiros grandes edifícios dedicados ao comércio de luxo em Paris. Esta nova tipologia de construção, caracterizada como "(...) uma nova invenção do luxo industrial, são corredores com coberturas de vidro, revestidos de mármore, que atravessam blocos inteiros de casas cujos proprietários se juntaram para concretizar tais especulações. De ambos os lados desses corredores, que recebem luz de cima, correm as mais elegantes lojas, de tal modo que uma tal Passagem é uma cidade, um mundo em miniatura"¹ surge, não só devido à sua natureza comercial, mas também servindo como atalho e ponto de conexão entre vários pontos da cidade.

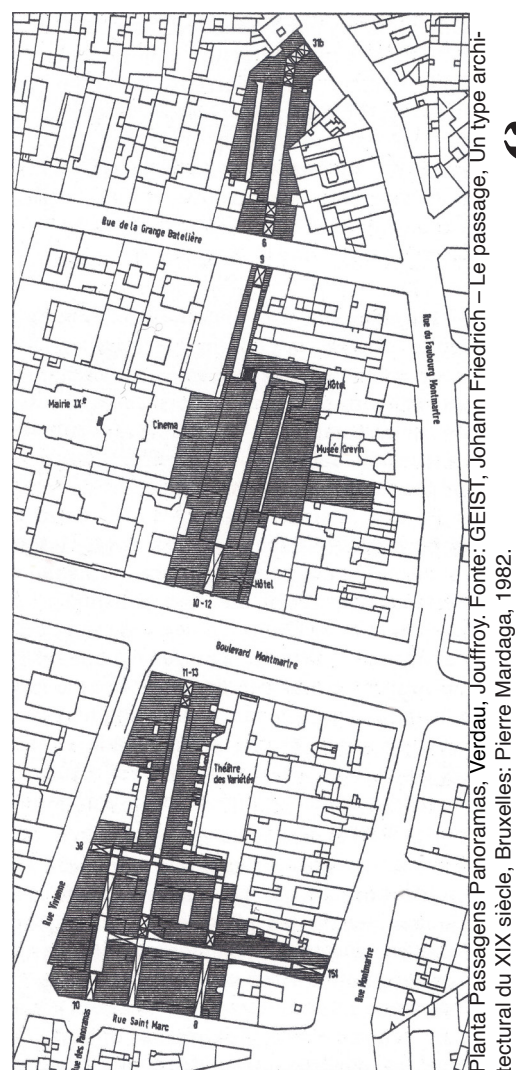
De um outro modo, também o contexto em que se encontrava a cidade de Paris, um "Entrelaçamento de vielas estreitas e inextricáveis, casas altas, pátios completamente obstruídos, tudo intercalado por igrejas e conventos embutidos no tecido urbano. Não há praças, não há espaços que abram uma perspectiva mais ampla, sugerindo algo das dimensões da cidade"² levou ao investimento do sector privado, nos terrenos sobranceiros e intersticiais de quarteirão, estes espaços funcionavam não só como antecessores dos centros comerciais, mas também como espaços públicos cobertos, onde era possível caminhar resguardado da agitação das ruas

envolventes.

Assim, a primeira passagem, Passagem de Bois, é contruída, entre 1786 e 1788. Uma estrutura temporária, demolida a 1828. Era definida por "três filas de lojas com duas passagens elevadas iluminadas por dormitórios laterais"³, construída em madeira, que tinha como principal objectivo prolongar a estrutura do Palais-Royal. É devido ao sucesso comercial, à localização, no centro da cidade de Paris e à mistura dos vários estratos sociais que criou, que este tipo de construção é replicado em toda a sua envolvente. Contudo, construído com outro tipo de materiais, que permitiam a durabilidade da construção, visto que, pela importância que assumiram, passam a adoptar um carácter permanente na cidade.

As primeiras passagens surgem, contemporâneas à revolução industrial, período marcado pela pré-fabricação e padronização, em que aparecem "As primeiras construções em ferro serviam propósitos transitórios: mercados cobertos, estações, exposições. O ferro liga-se, assim, imediatamente com momentos funcionais da vida económica. Mas o que então era funcional e transitório começa, no ritmo diferente da época actual, a tornar-se formal e estável."⁴ Explicando a escolha dos materiais que compõem as passagens, nomeadamente o ferro, presente em toda a estrutura e o vidro que serve a cobertura.

Na aproximação ao caso de estudo, tendo em conta a diversidade de passagens que compõem o mesmo, foi importante seleccionar



Planitia Passagens Panoramas, Verdau, Jouffroy. Fonte: GEIST, Johann Friedrich – Le passage, Un type architectural du XIX siècle, Bruxelles: Pierre Mardaga, 1982.

1 WALTER, Benjamin – The Arcades Project, England: Harvard University Press, 1999. ISBN 0-674-04326-X, p 31 [" (...) a recent invention of industrial luxury, are glass-roofed, marble-paneled corridors extending through whole blocks of buildings, whose owners have joined together for such enterprises. Lining both sides of these corridors, which get their light from above, are the most elegant shops, so that the arcade is a city, a world in miniature."]

2 GEIST, Johann Friedrich – Le passage, Un type architectural du XIX siècle, Bruxelles: Pierre Mardaga, 1982. ISBN 2-870-0931-52 p 298 [" (...) Entrelacement de ruelles étroites et inextricables, de maisons hautes, de patios complètement obstrués, le tout entrecoupé d'églises et de convents ancrés dans le tissu urbain. Il n'y a pas de places, pas d'espaces qui ouvrent une vue plus large, suggérant quelque chose des dimensions de la ville"]

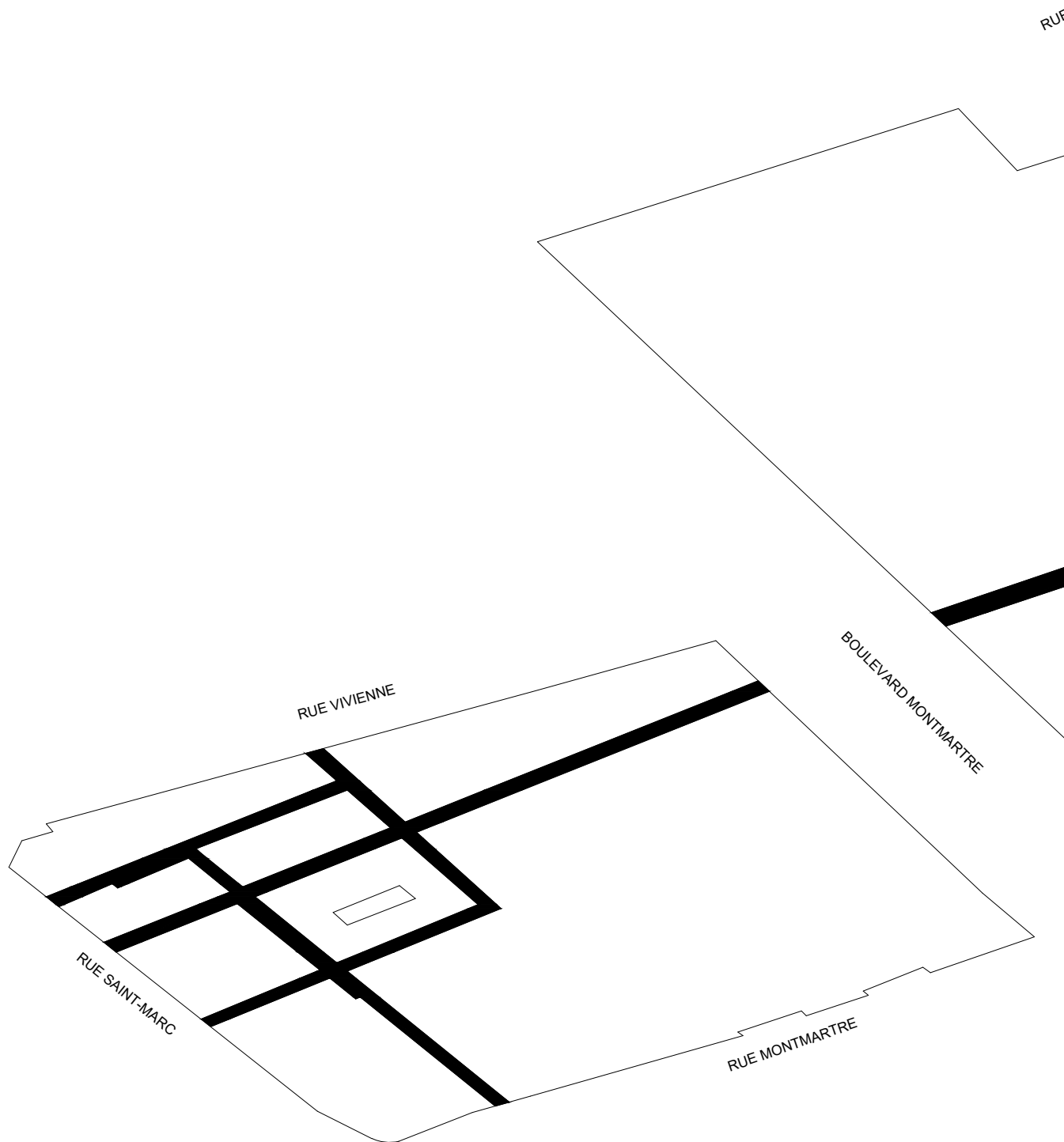
3 Ibidem, p 306 [" trois rangées de boutiques avec deux passages surélevés éclairés par des lucarnes latérales"]

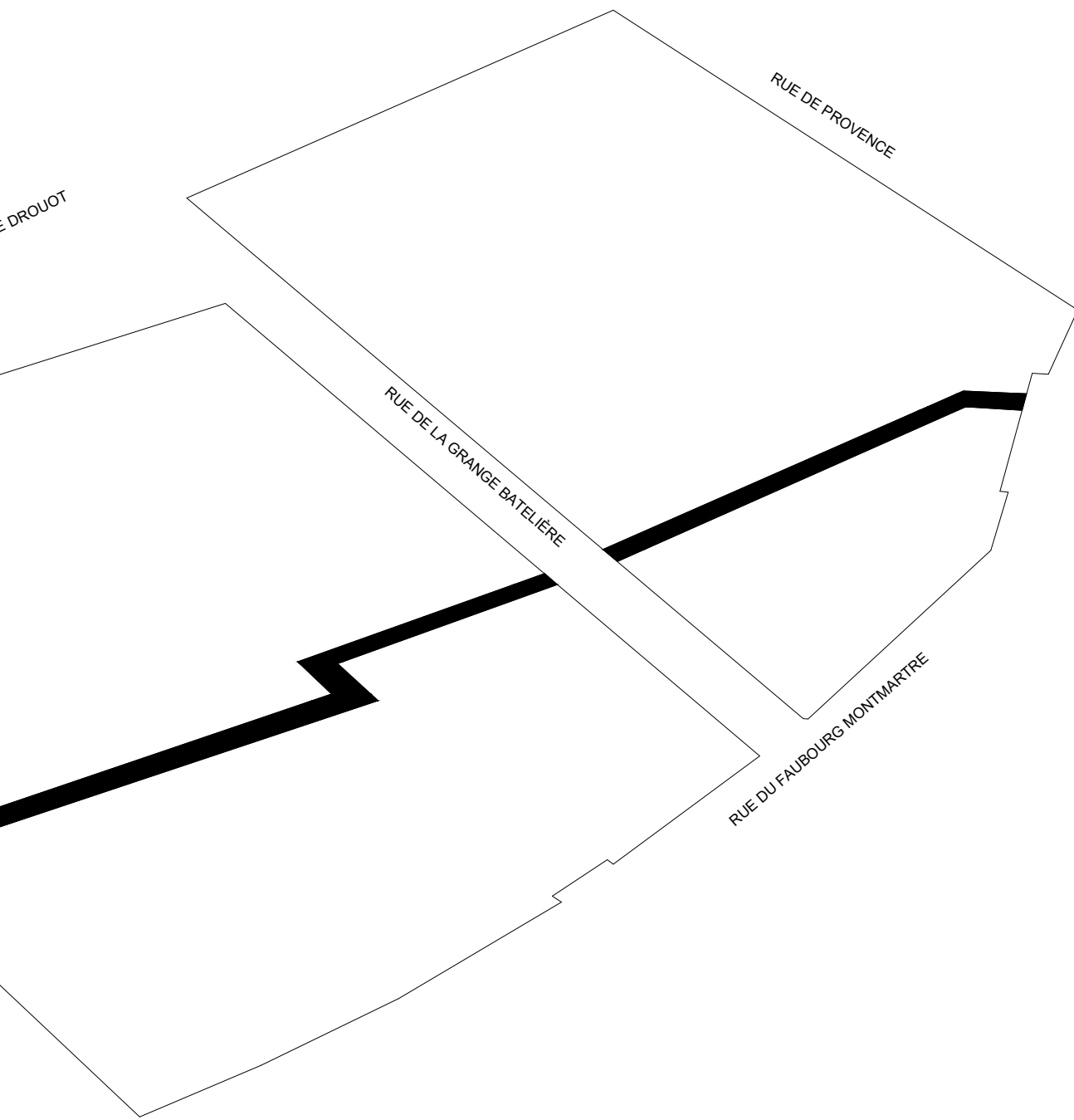
4 WALTER, Benjamin – The Arcades Project, England: Harvard University Press, 1999. ISBN 0-674-04326-X, p 154 [" The first structures made of iron served transitory purposes: covered markets, railroad stations, exhibitions. Iron is thus immediately allied with functional moments in the life of the economy. What was once functional and transitory, however, begins today, at an altered tempo, to seem formal and stable. "]

Passagens

Passagens de Paris

17





Passagens

Passagens de Paris



das várias passagens existentes, aquelas que melhor contribuíam para a investigação. Assim, a Passagem dos Panoramas, a Passagem Jouffroy e a Passagem Verdeau mostraram-se relevantes, devido a ligação que criam no seu conjunto. Uma sucessão de três passagens, paralelas à Rua Montmatre, que funcionam em conjunto formando um percurso de 350 metros.

A passagem dos Panoramas, a primeira das três passagens a ser construída, em 1800, permite a ligação pedonal entre a Rua Saint-Marc e o boulevard Montmatre. Localizada no antigo terreno do Hôtel Montmorency-Luxembourg, com o propósito inicial de permitir o acesso as salas dos panoramas bem como, à semelhança de outras passagens construídas até ao momento, aumentar os acessos ao Palays-Royal através da Rua Vivienne e da Passagem Feydeau (construída a 1799).

A semelhança das Passagem Jouffroy e Verdau, a passagem dos Panoramas é composta por “Duas filas de casas estreitas viradas uma para a outra simetricamente, separadas por um espaço de cerca de três metros de largura. Lojas com pequenos quartos traseiros e uma escada para o piso superior ocupam o rés do chão (...) ao longo deste percurso coberto são múltiplas as lojas e usos que se podem encontrar”⁵ “(...) restaurante Véron, gabinete de leitura, loja de música, chocolates Marquis, comerciante de vinhos, loja de artigos de malha, livrarias de caricaturas, Teatro de Variedades (...)”⁶. A 1807 é ainda incluído à passagem

o Teatro de Variedades e, em 1834, foram acrescentadas novas lojas que permitiram o acesso directo entre o interior da passagem e a rua, assim como a construção de novas Galerias – Galerie des Variétés, Galeria Feydeau, Galeria Montmartre e a Galeria St-Marc- que compunham novos pontos de acesso ao interior da passagem dos panoramas.

A passagem é composta por seis acessos. Os dois principais que ligam a Rua Saint-Marc ao Boulevard Montmartre, outros dois também na Rua Saint-Marc, através da Galeria Feydeau e da Galeria Saint-Marc, um que liga a Rua Montmartre através da Galeria Montmartre e por último, na Rua Vivienne através Galeria des Variétés – portais que se destacam da restante fachada tanto pelos elementos que os adornam como pelas placas com o nome das respectivas passagens, característica comum a todas as passagens.

A passagem Jouffroy, um percurso entre o Boulevard Montmartre e a Rua Grange Batelière, é construída entre 1845 e 1846, no entanto a sua abertura ao público só acontece a 1847. Ao longo de diferentes períodos do tempo, foram associados à passagem diferentes tipos de usos, para além das habituais lojas de artigos de luxo, que caracterizavam, de forma semelhante, todas as passagens, entre eles destacam-se o Bazar Europeu, o Teatro Serephine (onde existiam espectáculos de fantoches), o café-concerto Petit Casino e o Musée Grévin (museu do cartoonista Alfred). Este percurso, permite ligação à Passagem dos Panoramas, feita

pelo Hotel Ronceray (antigo “Grand Hôtel de la Terrasse Jouffroy”).

A passagem Verdau, liga a Rua de la Grange Batelière à Rua du Faubourg Montmartre, fazendo o prolongamento, a norte, da passagem Jouffroy. Através do livro *Le Passage: Un type architectural du XIX siècle*, é possível perceber o ambiente e as funções que qualificam esta passagem “ (...) cofres, armas desportivas, guarda-chuvas, flores artificiais, artigos funerários, bijutaria, caveiras de gesso e cópias de obras de arte famosas.”⁷ À semelhança das passagens anteriormente enunciadas, apesar do seu carácter público, estas

funcionam com um horário restrito, permanecendo encerradas durante o período nocturno. Este horário é independente dos espaços que compõem as passagens.

Como já demonstrado, as Passagens de Paris, como caso de estudo, são importantes, não só como exemplo na forma como se relaciona com o ambiente construído, mas também como processo de densificação urbana, perfurando os interiores de quarteirão. Onde a tipologia de corredor é utilizada, não só por poder agregar diferentes funções, mas principalmente como resposta aos interstícios existentes.



5 GEIST, Johann Friedrich – *Le passage, Un type architectural du XIX siècle*, Bruxelles: Pierre Mardaga, 1982. ISBN 2-870-0931-52 p 313 [“ Deux rangées d’étroites maisons se font face symétriquement, séparées par un espace de quelque trois mètres de large. Des boutiques avec des petites pièces arrières et un escalier qui permet de monter à l’étage, occupent le rez-de chaussée (...) (...) le long de cette route couverte, on trouve de multiples magasins et usages”]

6 WALTER, Benjamin – *The Arcades Project*, England: Harvard University Press, 1999. ISBN 0-674-04326-X, p 37 [“ Shops in the Passage des Panoramas: Restaurant Veron, reacting room, music shop, Marquis, wine merchants, hosier, haberdashers, tailors, bootmakers, hosiers, bookshops, caricaturist, Theatre des Varietes. ”]

7 GEIST, Johann Friedrich – *Le passage, Un type architectural du XIX siècle*, Bruxelles: Pierre Mardaga, 1982. ISBN 2-870-0931-52 p 313 [“ (...) coffres-forts, des armes sportives, des parapluies, des fleurs artificielles, des articles funéraires, des bijoux fantaisie, des têtes de morts en plâtre et des copies d’œuvres d’art célèbres”]

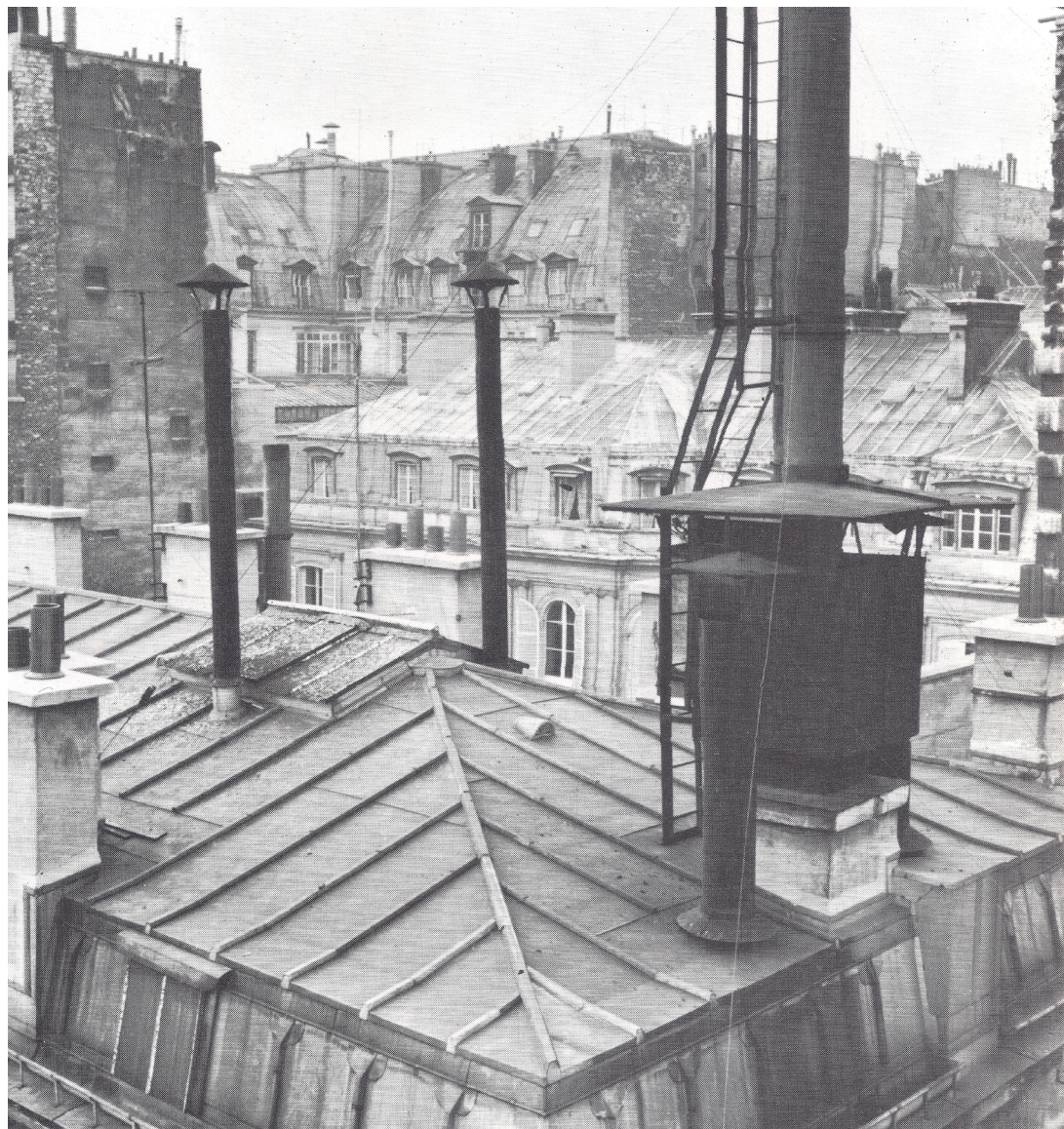
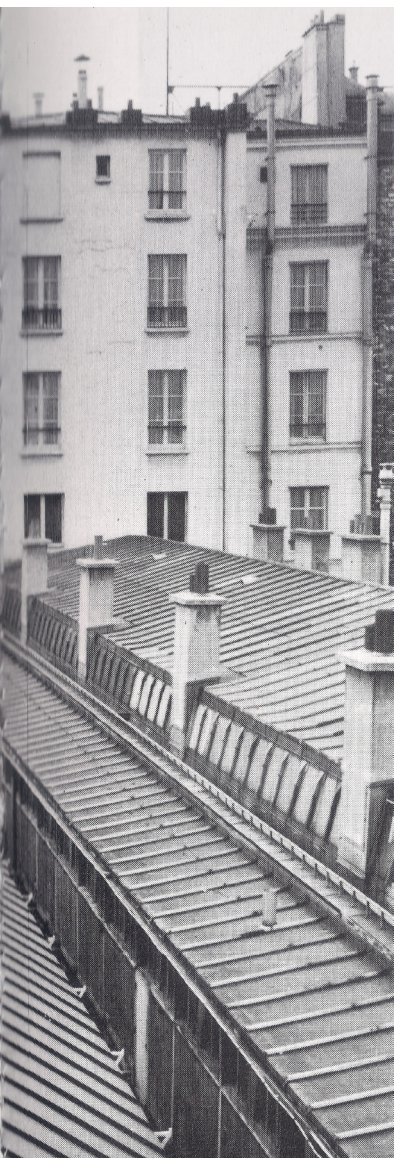
Passagens

Passagens de Paris

11

Passagem Jouffroy. Fonte: GEIST, Johann Friedrich – Le passage, Un type architectural du XIX siècle, Bruxelles: Pierre Mardaga, 1982.





Passagens

Reconversão Chiado

A reconversão do Chiado, de Siza Vieira, surge no decorrer do processo de investigação, a semelhança da reconversão do Quarteirão Império, de Gonçalo Byrne, construído anos mais tarde, na sua envolvente, como exemplos de intervenção e requalificação do espaço público, numa zona histórica e central da cidade de Lisboa. Exemplos de atravessamentos de interiores de quarteirão, e requalificação de uma cidade já construída.

Reconversão Chiado

O processo de reconversão do



Pátio A. Fotografia do autor (20)

Chiado, resulta da intervenção após o incêndio, de Agosto de 1988, que destruiu dezoito edifícios entre os quais os Grandes Armazéns do Chiado (anterior Convento do Espírito Santo da Pedreira) e o edifício Granda. Considerado um momento decisivo, uma vez que possibilitou pensar a cidade a partir do espaço público, resultando na redução da profundidade dos edifícios construídos. Esta intervenção permitiu, por um lado, melhorar as condições de salubridade e higiene das habitações, assim como abrir ao público os interiores de quarteirão, oferecendo novos espaços públicos, inexistentes no território envolvente.

Apesar de existir “(...) momento de rutura da lógica pombalina, que não pressupunha uma vivência interior”⁸ ou momentos onde as passagens se destacam da métrica pombalina, assumindo maior grandeza, como exemplificam a entrada do metro ou a passagem na Rua do Carmo. O plano do Chiado parte de uma análise história pombalina e no estudo da pré-existência, que se traduz na recuperação das fachadas ou no restauro de molduras de vão ou guardas. Também, de um outro modo, na ligação das escadas que descem para a Rua do Crucifixo, e que fazem a ligação com as Escadas de São Francisco, construídas no local onde anteriormente existia um acrescento dos Armazéns e que, tendo em conta a largura do mesmo, semelhante à largura da rua, possivelmente já existente.

A semelhança das passagens de Paris, também no Chiado, um dos

princípios do projecto, parte da intenção de conectar diferentes pontos da cidade. Tornar-se uma “plataforma de distribuição, um patamar onde é imprescindível passar e parar, uma aparição de onde se vê a paisagem. Chiado essencial, enorme, sobre a Rua do Crucifixo”⁹ conectando a cota baixa da cidade, que corresponde à Baixa Pombalina à cota alta, do Bairro Alto. Esta característica, mostra-se ainda mais relevante neste contexto, considerando a topografia da cidade de Lisboa.

Este percurso, a meia encosta, tornou-se possível através da limpeza do interior dos quarteirões, caracterizados por uma construção desordenada, que possibilitou não só a abertura dos dois pátios, localizados nos Blocos A e B (assim designados na proposta de intervenção) mas também dos Terraços do Carmo (apenas construídos recentemente) que, definidos por várias passagens transversais, ligam as duas cotas da cidade.

O primeiro pátio, localizado no interior do Bloco A, e delimitado por diferentes usos (comércio, habitação e escritórios) funciona como uma plataforma intermédia, que permite a ligação a três cotas distintas. A primeira, à cota das Escadinhas de São Francisco, possível de aceder através do interior de um espaço comercial, a segunda, à cota da Rua Ivens, que por ser superior à do pátio é atingida através de uma escadaria e, por último a cota da Rua Garret, acesso principal ao interior do quarteirão e que permite ligação ao Pátio B. Assumindo a métrica da fachada

8 FIGUEIRA, Jorge – Siza Viera conta como foi o projecto de recuperação do Chiado [registo vídeo] Lisboa: Público

9 SIZA VIEIRA, Álvaro – Chiado em detalhe, Álvaro Siza, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa : Verbo, 2013 . ISBN: 978-972-22-3097-1, p 15 e 16

pombalina, no exterior do quarteirão, no interior, nomeadamente na passagem da Rua Ivens, o vão em forma de arco assume maiores dimensões. Apesar de públicos, todos os interiores analisados apresentam restrições à utilização, permanecendo encerrados no período nocturno.

Por sua vez, o pátio do Bloco B, possibilita a continuidade do percurso, desde a Rua Garrett, e estende-se até ao portal sul da Igreja do Carmo e ao ascensor de Santa Justa. Marcado por um conjunto de rampas e escadas que vencem as diferentes cotas do interior do quarteirão, o acesso ao interior do mesmo é ainda possível através de uma escadaria, pela Rua do Carmo, destacando-se da fachada, devido às dimensões. Um percurso descoberto, que Siza considera como um ponto favorável “(...) o desconforto que aponta – a chuva, o frio, etc. – eu considero-o mais como conforto. Querer subtrair-se à natureza, a tudo quanto traz o tempo, o ritmo das estações, calor, frio, chuva, sol, etc., parece-me negativo inclusivamente para a saúde. A pretensão de ter um conforto absoluto e permanente não é correcta”.¹⁰

Estes novos percursos, importantes não só à permeabilidade, criando diferentes ligações na cidade, permitem também, através da “(...) perfuração urbana em pequena escala gerar uma nova porosidade, valorizando um particular microambiente propício a usos mais serenos”¹¹, espaços resguardados do grande fluxo das ruas movimentadas, que funcionam como zona de mediação entre os espaços privados da habitação e os espaços

públicos da rua e dos espaços comerciais.

Por sua vez, também o prolongamento da linha de metro, que permita ligar a Baixa-Chiado à restante cidade, contribuiu neste discurso da permeabilidade urbana. Surge, da possibilidade encontrada pelo arquitecto de negociar a alteração da saída do metro, projectada para o cruzamento entre a Rua Garret e a Rua Ivens, e na possibilidade desta poder existir no edifício dos Grandes Armazéns, na rua do Crucifixo, “que era uma rua de serviço, uma rua pobre, passa a ser a rua por onde se entra e sai do Chiado”¹² através de uma sucessão de escadas mecânicas, que vencem a diferença topográfica, entre a rua do crucifixo e o largo do Chiado.

Por fim, importa ainda referir, a zona dos Terraços do Carmo, último fragmento do plano a ser construído, mas que se mostra de extrema importância, não só porque “vai levantar toda a área do Chiado (...) passará a haver um continuum (...) uma série de convites a movimentos que de certeza vão ser úteis, vão gerar contactos (...)”¹³ mas também, terminar a ligação ao Largo do Carmo. Este percurso, envolvente ao Convento do Carmo, é acessível por um conjunto de escadas e rampas que o contornam, permitindo ainda, através de um ascensor público, no interior do edifício Leonel, descer até à Rua do Carmo. Esta ligação, pensada por Siza, é confirmada pela história “(...) da porta da Igreja do Carmo existiam umas escadas que vinham cá para baixo, portanto eu descobri isto pela marca que deixam as intervenções

¹⁰ SIZA VIEIRA, Álvaro – Reconstrução chiado, Porto: Figueirinhas, 2000, p 172

¹¹ SIZA VIEIRA, Álvaro – Chiado em detalhe, Álvaro Siza, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa: Verbo, 2013. ISBN: 978-972-22-3097-1, p 16

¹² FIGUEIRA, Jorge – Siza Viera conta como foi o projecto de recuperação do Chiado [registo vídeo] Lisboa: Público

¹³ SIZA VIEIRA, Álvaro – Chiado em detalhe, Álvaro Siza, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa: Verbo, 2013. ISBN: 978-972-22-3097-1, p 20

¹⁴ Ibidem, p 20 e 21

na cidade quando são intervenções ajuntadas (...) embora não tenha sido refeito após o Terramoto”.¹⁴

Destacando-se do restante percurso, que ao atravessa os interstícios de quarteirão, se localiza entre edifícios, quando chega aos Terraços do Carmo, a topografia do mesmo faz com que este seja um miradouro para a cidade, onde é possível avistar a Colina do Castelo ao a Praça do Rossio. Esta característica, aleada à presença do Convento do Carmo, marca os usos do espaço, que se transforma num espaço de paragem, estar e contemplação.



Pátio B. Fotografia do autor (2020)

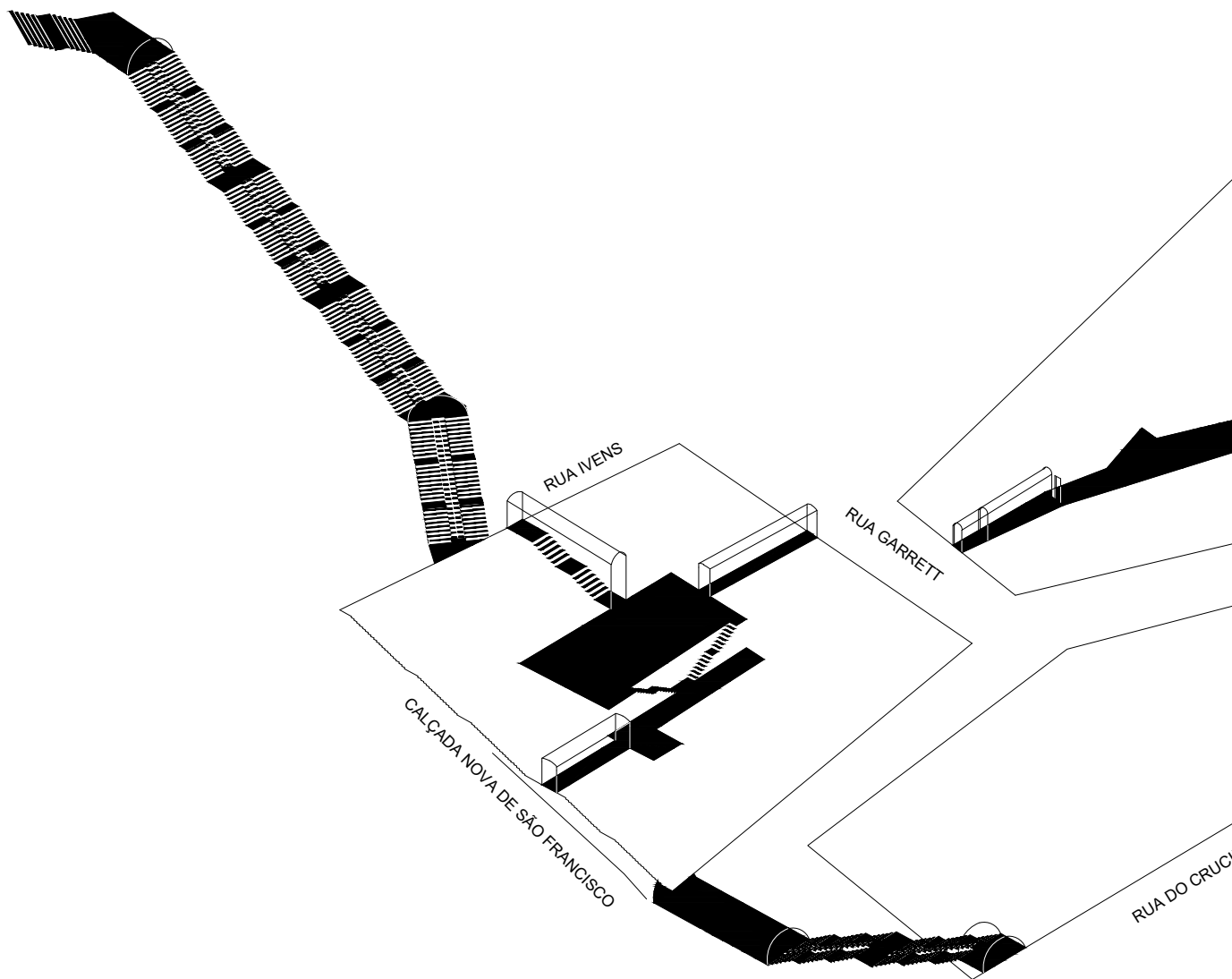


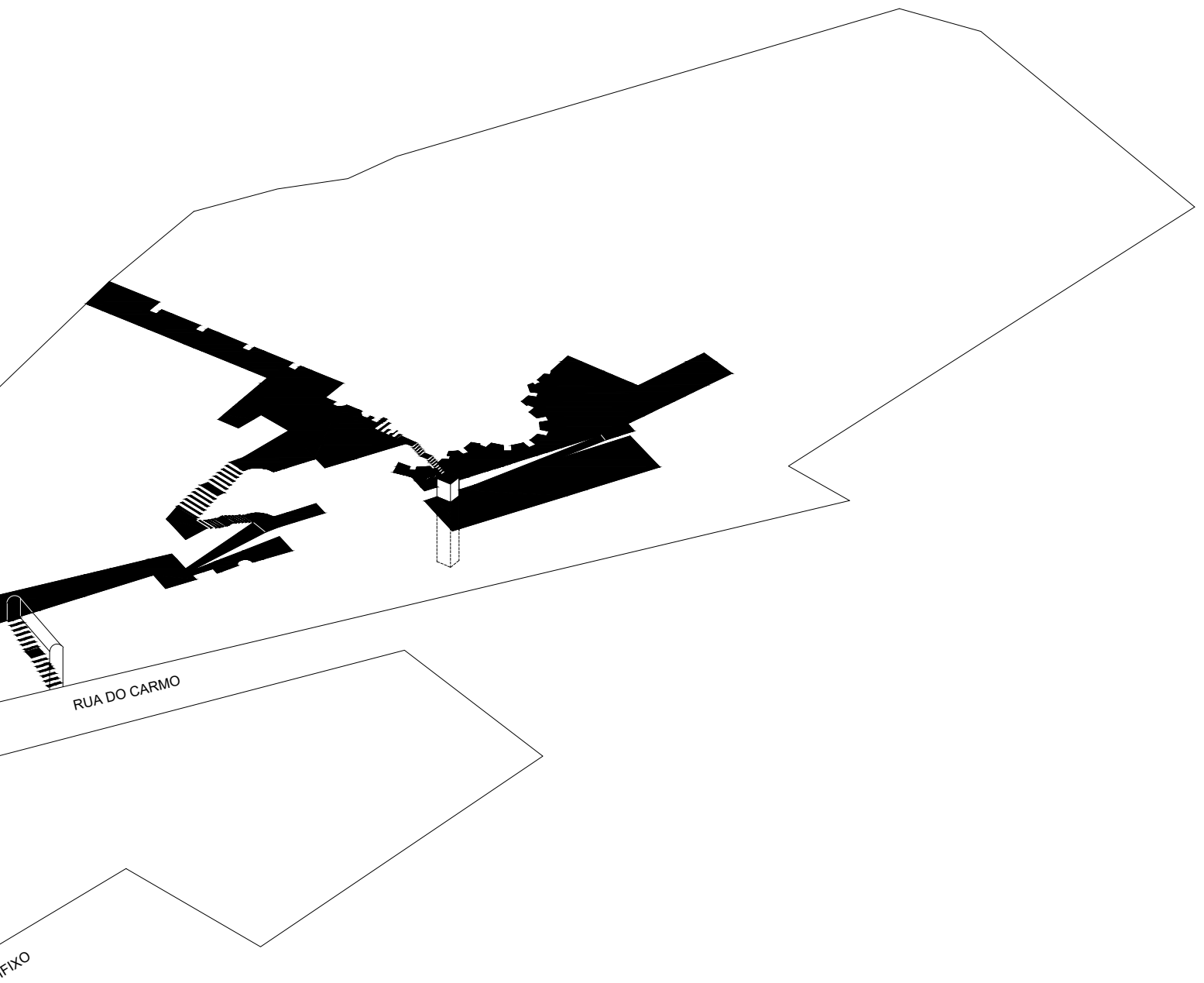
Passagens

Reconversão Chiado

17

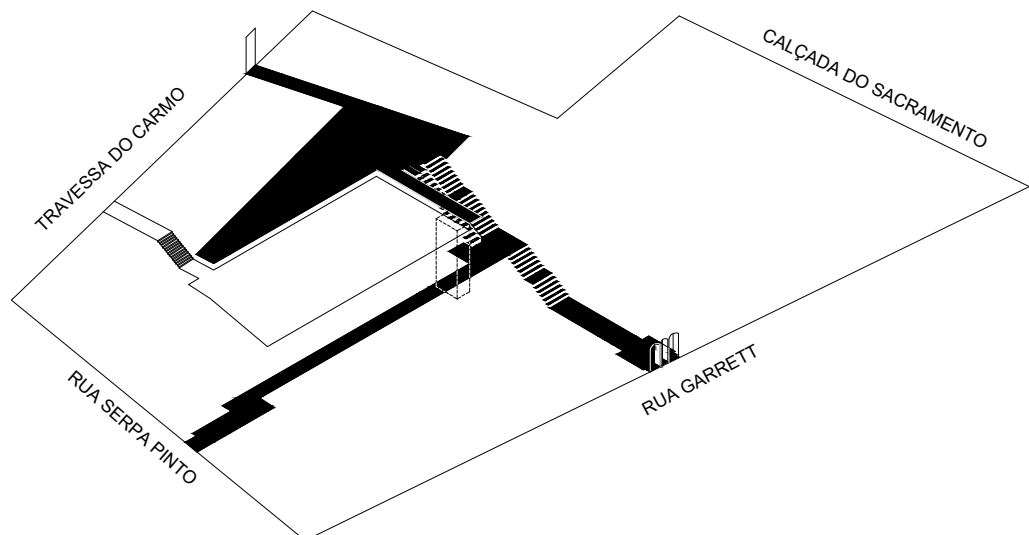
LARGO DO
CARMO





Na sequência do caso de estudo anterior, surge, entre 1994 e 1998, a reconstrução do Quarteirão Império, do arquitecto Gonçalo Byrne. Comum à reconversão do Chiado, no objectivo de trazer à Cidade novos espaços públicos e “melhorar a conectividade urbana uma questão fundamental que se chama repor a porosidade”¹⁵. O projecto, que se “ (...) justifica sobretudo enquanto abertura da cidade aos cidadãos, entregando-lhes novos espaços de uso anteriormente inacessíveis, onde o encontro público é agora possível”¹⁶, parte de uma encomenda privada, por parte da Seguradora Império, que pretendia, aumentar as suas instalações, através da reconversão de oito edifícios que formavam este quarteirão e transformar o logradouro por eles confinado.

Esta intervenção é justificada por dois momentos da história, se por um lado “ (...) a estratégia de atravessamento recorda outro assentamento,





anterior ao terramoto, bem como alguns planos imediatos a 1755¹⁷, visíveis na planta cartográfica de Filipe Folque, de 1856-58, que fundamenta a abertura dos dois eixos de ligação, por outro, torna também visível, a torre sineira e a cabeceira da Igreja do Sacramento, até então desconhecidas à Cidade.

A reconversão deste logradouro, que se organizava em diferentes cotas e era caracterizado por construções pré-fabricadas, clandestinas (acrescentos ao antigo hospital, que pertencia à seguradora império e o quarteirão) originou um espaço de interior público, dividido a duas cotas, como consequência da construção do estacionamento subterrâneo (estipulado pelo regulamento da Câmara Municipal de Lisboa). No entanto, permanece, ainda privado, o jardim do Club Turf, localizado a uma cota

superior, “um jardim murado dentro de um coração que se percebia potencialmente partilhado e aberto (...) que concede aos outros apenas a sombra das copas das suas árvores e não se vê. Mas que inevitavelmente ficará vulnerável”.¹⁸

Assim, este espaço torna-se possível de aceder através de dois eixos, perpendiculares, que permitem relacionar diferentes cotas. Um principal, que liga, através de acesso mecânico, de escadas rolantes e elevador a Travessa do Carmo à Rua Garret, no qual se desenvolvem os programas públicos, referentes a comércio, restauração e bares, o outro eixo permite ligar a Rua Serpa Pinto ao interior do quarteirão. Estas entradas, ponto de contacto com a rua, são revelados de modos distintas, se na Rua Garret, a passagem é revelada por três vãos em arco, pré existentes, mantendo a

15 CONDEIXA, Margarida – Interiores de quarteirão, uma perspectiva de um novo espaço público em Lisboa. ISCTE, 2018. Tese mestrado, p 78

16 Reconversão de um quarteirão no Chiado, Lisboa. Pedra & Cal Nº 11 Julho . Agosto . Setembro 2001

17 FIGUEIRA, Jorge – Siza Viera conta como foi o projecto de recuperação do Chiado [registo vídeo] Lisboa: Público

18 CONDEIXA, Margarida – Interiores de quarteirão, uma perspectiva de um novo espaço público em Lisboa. ISCTE, 2018. Tese mestrado, p 78

métrica original dos vãos pombalinos, por outro lado, na Travessa do Carmo, a passagem é mais resguardada, tendo em conta o programa habitacional ali localizado, contudo, apesar de estreita (em relação à primeira), rompe o edifício em dois pisos, por último, a passagem na Rua Serpa Pinto (encerrada por ter sido profundamente a sua utilização), difere das restantes por ser exterior, localizada numa frecha entre dois edifícios.

De um outro modo, também as funções, que compõem programaticamente o quarteirão são importantes para a definição do espaço público. À semelhança do que acontece na recuperação do Chiado, a distribuição em igual percentagem, de comércio, escritórios e habitação, que contribuiu não só como forma de voltar a trazer a habitação para o centro, como “para as pessoas viverem e circularem neste espaço a todas as horas do dia isso tem uma tradução que são duas coisas (...) uma é que possa haver vida nas 24h do dia e a segunda é que as atividades que se desenvolvem aqui dentro tenham a capacidade de atração”¹⁹ Contudo, se no caso da intervenção de Siza, este programa era dividido no mesmo edifício (dois primeiros pisos destinados ao comércio, os dois intermédios de escritórios e os últimos dois de habitação), no caso do Quarteirão Império, as mesmas percentagens são repartidas entre os vários edifícios.

Assim, o piso térreo continuou a ser destinado ao comércio, podendo em alguns edifícios ocupar também o primeiro piso. Porém a habitação fica localizada nos edifícios que compõe

a frente da Travessa do Carmo, não só por ser uma rua mais calma, mas também de modo a evitar o cruzamento, nomeadamente nos acessos, entre as pessoas que trabalham e as que habitam o quarteirão.

Como já demonstrado, os três casos de estudo, embora com o mesmo princípio, revitalizar os interiores de quarteirão e trabalhar a porosidade do tecido urbano, são dispares na abordagem ao tema. Enquanto, nas Passagens de Paris, estas novas passagens são trabalhadas através da adição, de um elemento novo, e é este que forma o novo percurso. Nos casos da zona histórica de Lisboa, a Reconversão do Chiado e o Quarteirão Império, o mesmo é conseguido



¹⁹ Figueira, Jorge – Siza Viera conta como foi o projecto de recuperação do Chiado [registro vídeo] Lisboa: Público

através da subtração, retirando o que está a mais, “manter o equilíbrio do centro histórico e não criar rupturas quando não há razão para tal ”

Por outro lado, também a topografia, que caracteriza a cidade de Lisboa, se apresenta como uma ferramenta para os projectos, fundamentando os novos percursos criados, algo que não acontece na cidade de Paris, visto tratar-se de uma zona sem grandes desníveis.



Pátio interior quarteirão. Fotografia do autor (2020)



Pátio interior quarteirão e pátio Club Turf. Fotografia do autor (2020)

Neste capítulo – Materiais – a abordagem ao tema da bricolagem, através dos exemplos de Levi Strauss, em Pensamento Selvagem e Charles Jencks, em Adhocism: the case for improvisation, tornou-se fundamental para a construção dos elementos de trabalho que informam o último capítulo da tese. Ajudando, por um lado, na definição dos materiais que compõem os diversos módulos e, por outro, no seu processo de montagem.

A palavra *bricoleur* é utilizada pela primeira vez por Levi Strauss, no livro Pensamento Selvagem, em 1962, onde é definido a origem do mesmo, Strauss refere que anteriormente “bricoleur aplicava-se ao jogo de bola e de bilhar, à caça e à equitação, mas sempre para evocar um movimento incidental (...) nos nossos dias, o bricoleur é aquele que trabalha com as mãos, utilizando meios indirectos se comparadas com os do artista”¹. Neste contexto, o *bricoleur* e o engenheiro surgem em confronto, como forma de distinguir os dois processos de pensamento em relação à *intuição sensata*.

1 Claude, Levi-Strauss – La Pensée Sauvage, Paris, Plon, 1962. P26 [(...)bricoler s'applique au jeu de balle et de billard, à la chasse et à l'équitation, mais toujours pour évoquer un mouvement incident (...). Et, de nos jours, le bricoleur reste celui qui oeuvre de ses mains, en utilisant des moyens détournés par comparaison avec ceux de l'homme de l'art.]

2 Ibidem, p 27

3 Ibidem, p 24 [Si l'on demande de classer une collection de fruits variés en corps relativement plus lourds et relativement plus légers, il sera légitime de commencer par séparer les poires des pommes, bien que la forme, la couleur et la saveur soient sans rapport avec le poids et le volume (...) sont plus faciles à distinguer des moins grosses, que si les pommes demeurent mélangées (...)]

crianças improvisando carro. Fonte: encks, Charles e Silver, Nathan – Adhocism, the case for improvisation, England, Cambridge, 2013





Evolução serie bicicleta. Fonte: encks, Charles e Silver, Nathan - Adhocism, the case for improvisation, England, Cambridge, 2013

Se, por um lado, o bricoleur é caracterizado, como a definição do *pensamento mítico* ou *mente selvagem*, por ser alguém que usa os instrumentos e recursos que têm à sua disposição, um conjunto de ferramentas e materiais “que é sempre finito e também heterogêneo”², transformando-os com as próprias mãos consoante as necessidades ou o problema que pretende resolver, por outro, o engenheiro surge como contraponto, caracterizando o *pensamento científico*, uma vez que está limitado pelas técnicas que utiliza. Por outras palavras, na bricolage, o fazer e o pensar estão instintivamente ligados, na medida em que é o próprio *bricoleur* que constrói os objectos, e que os raciocina, ao mesmo tempo através do seu conhecimento empírico.

Levi Strauss, define o *bricoleur* mais próximo da *intuição sensata*, por vezes ingénua e pouco apoiada

em conhecimentos concretos, como demonstra o exemplo que Strauss utiliza no livro “ se nos pedem para classificar uma coleção de frutas variadas em corpos relativamente mais pesados e relativamente mais leves, será legítimo começar separando as pêras das maçãs, ainda que a forma, a cor e sabor não tenham relação com o peso e o volume (...) é mais fácil distinguir as maiores das menores do que se continuassem misturadas (...)”³ assim, embora de uma forma empírica, o bricoleur encontra-se mais perto da *ordem racional*.

Por sua vez, Charles Jencks, em 1972, apoiado na compreensão teórica do pensamento do *bricoleur*, definida por Levi Strauss, demonstra, com recurso a diversos exemplos o modo prático da bricolage. No livro, é introduzido um novo termo, *ad hoc*, com o significado “para isto”, que à semelhança do bricoleur não deve ser



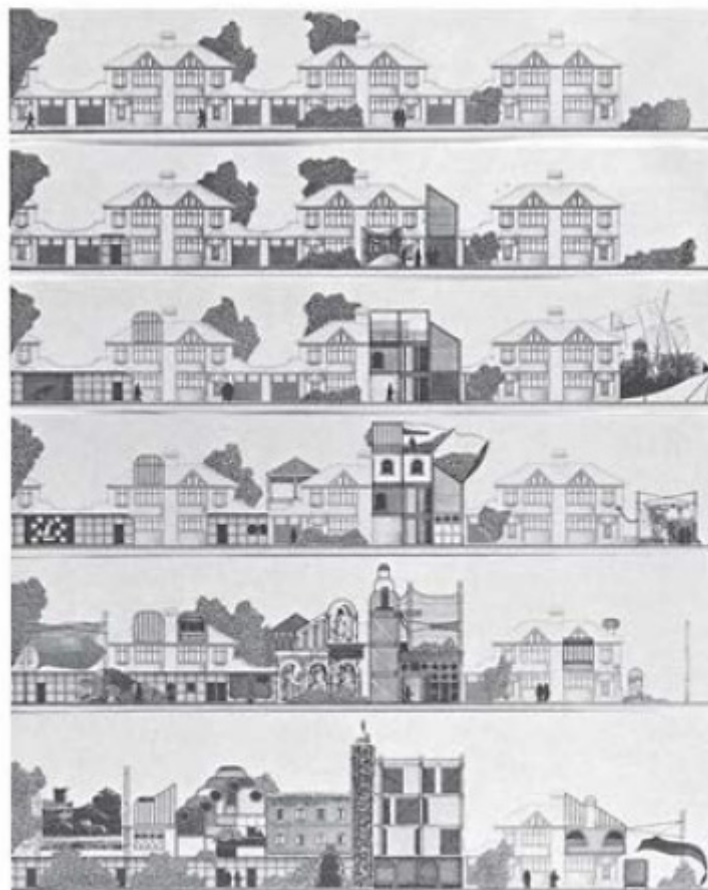
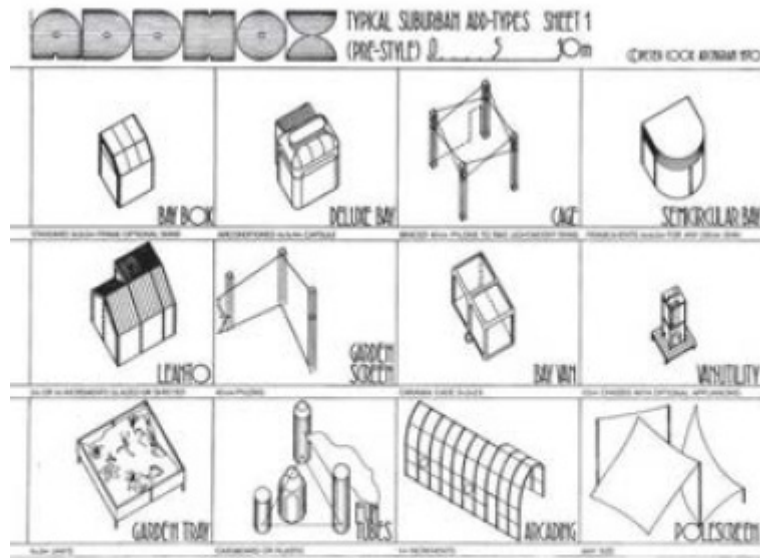
Evolução serie bicicleta. Fonte: encks, Charles e Silver, Nathan - Adhocism, the case for improvisation, England, Cambridge, 2013

não só na forma de pensamento e de assemblagem dos vários materiais já existentes, mas principalmente, quanto maior for a proximidade entre o arquitecto e o processo de construção.

Estes exemplos, mostraram-se fundamentais na elaboração do projecto, novas passagens no Alto de Santo Amaro, que pretende, através do uso de uma família de módulos, servir um conjunto de programas heterógenos. O módulo base com a dimensão de 3 por 3 metros funciona como medida de proporção para os restantes módulos, que são compostos pela mesma dimensão ou, quando o programa assim o exige, duplicados, uma ou mais vezes.

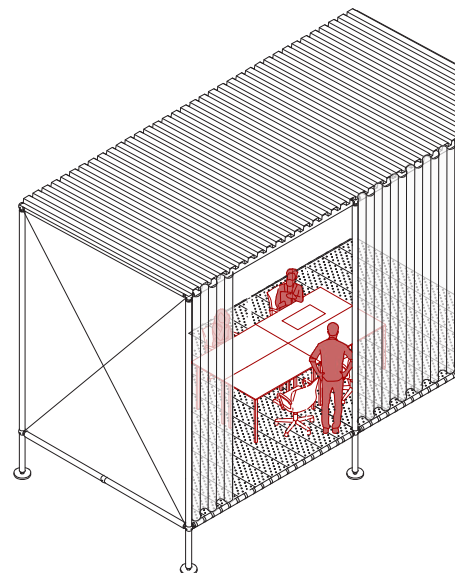
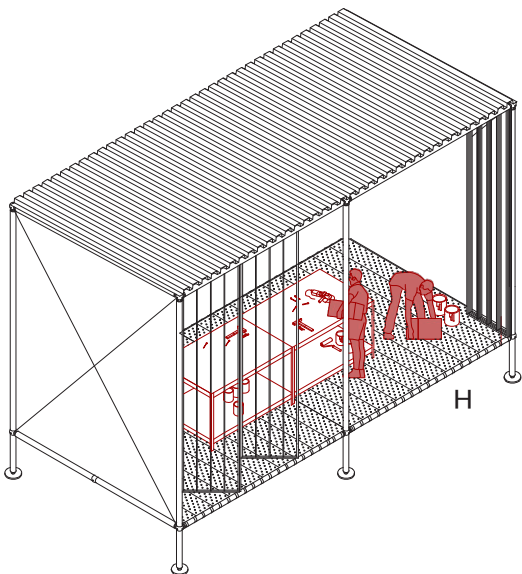
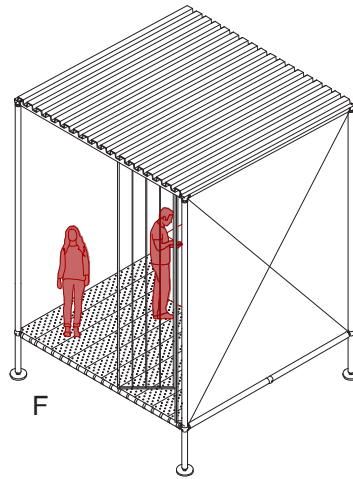
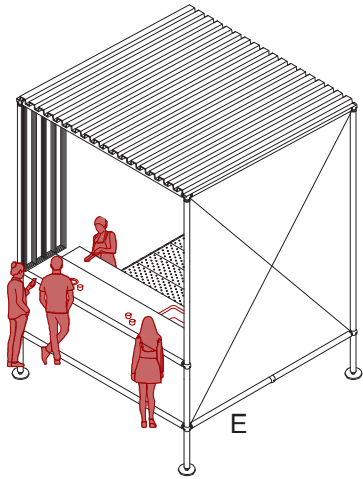
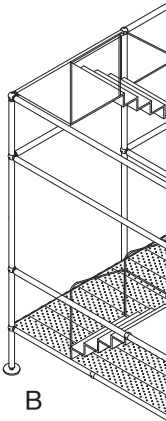
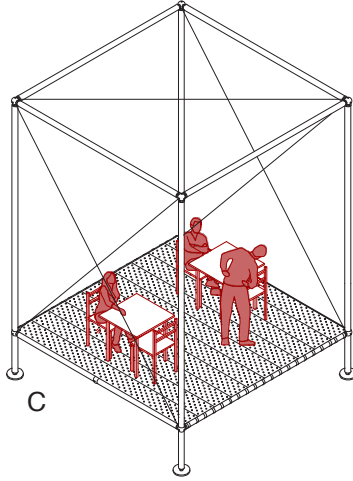
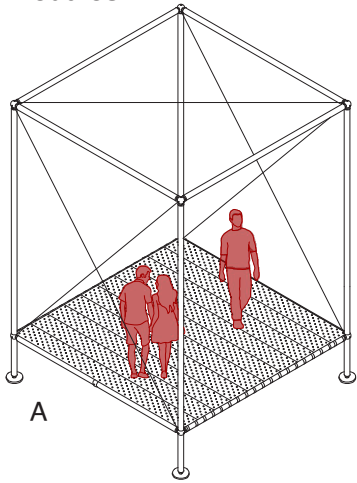
Deste modo, e segundo a lógica do pensamento do bricoleur, partindo do uso de materiais já existentes e de fácil aplicação compõem a estrutura do módulo de passagem, que serve de base a todos os restantes módulos. A esta estrutura primária, são acrescentados diferentes elementos de fecho, mais ou menos opacos, consoante as necessidades de privacidade de cada programa, são estes a cobertura e os elementos de fecho vertical, que funcionam com parede, estes podendo ser constituídos com painéis

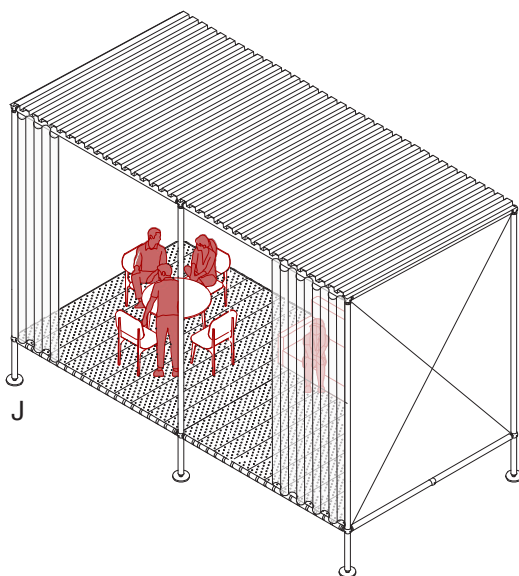
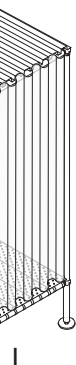
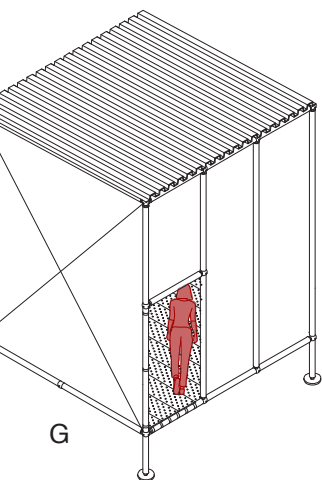
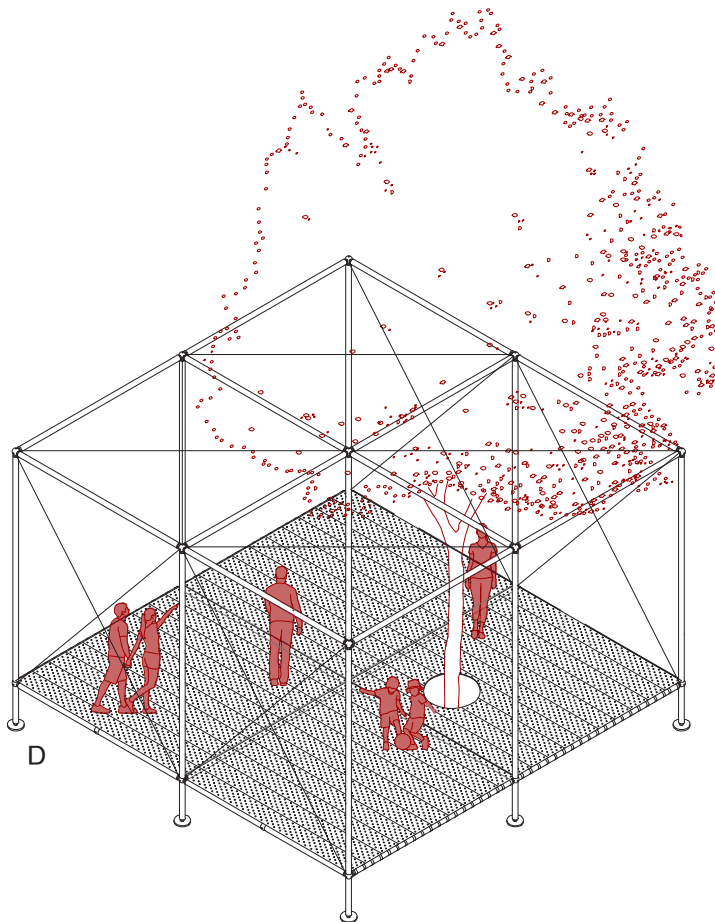
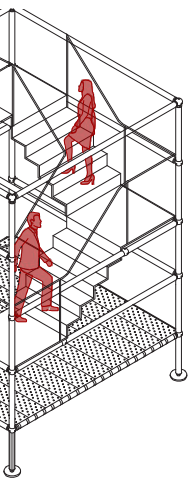
Assim, a escolha destes materiais permitiu que, através de uma estrutura simples, os módulos pudessem ser montados de forma prática e acessível a qualquer pessoa.



Peter Cook, Add Hox Project 1971. Fonte: encks, Charles e Silver, Nathan – Adhocism, the case for improvisation, England, Cambridge, 2013

Materiais
Família Modulos





A. Módulo Passagem

Módulo base, permite ligar diferentes pontos através da sua junção

B. Módulo Escada

Permite ligar diferentes cotas através da multiplicação, em altura, do módulo

C. Módulo Esplanada

Associado ao módulo de café, permite através do mobiliário criar zonas de estar ao longo do percurso

D. Módulo Espaço Exterior

O módulo de maiores dimensões, cria espaços amplos ao longo do percurso

E. Módulo Café

Associado ao espaço de esplanada cria zonas de paragem ao longo do percurso

F. Módulo Comércio

Reactivador dos espaços comerciais existentes no bairro ligados ao escritório

G. Módulo Instalação Sanitária

Instalações sanitárias públicas

H. Módulo Oficina

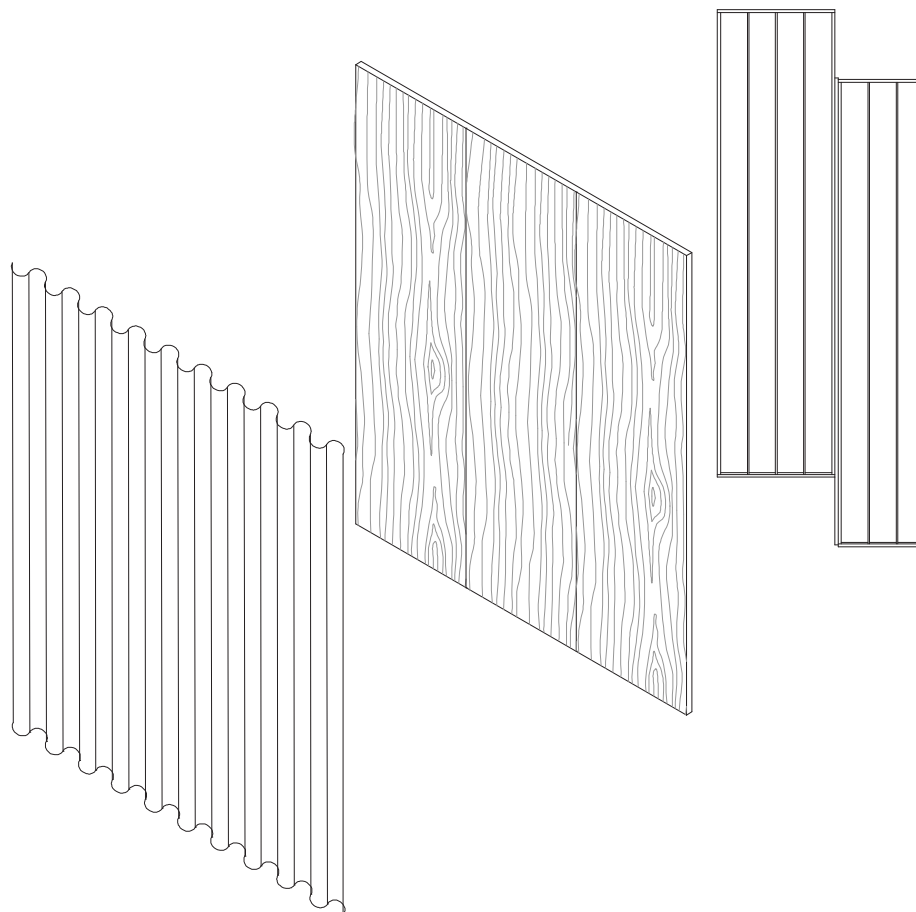
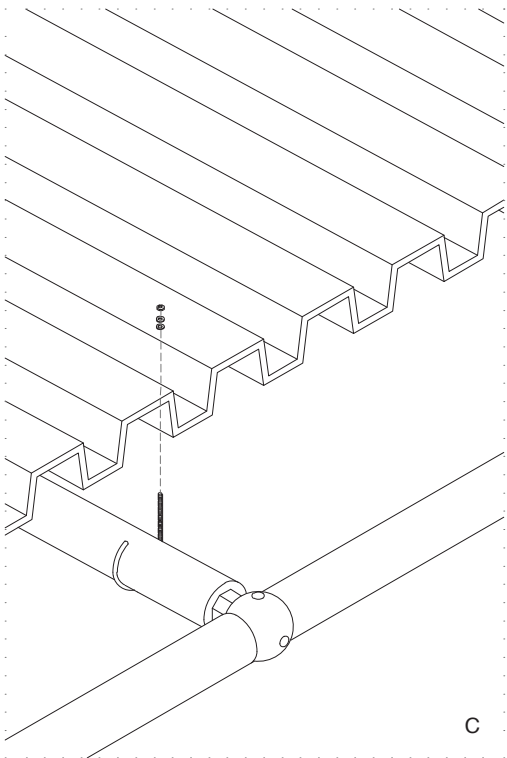
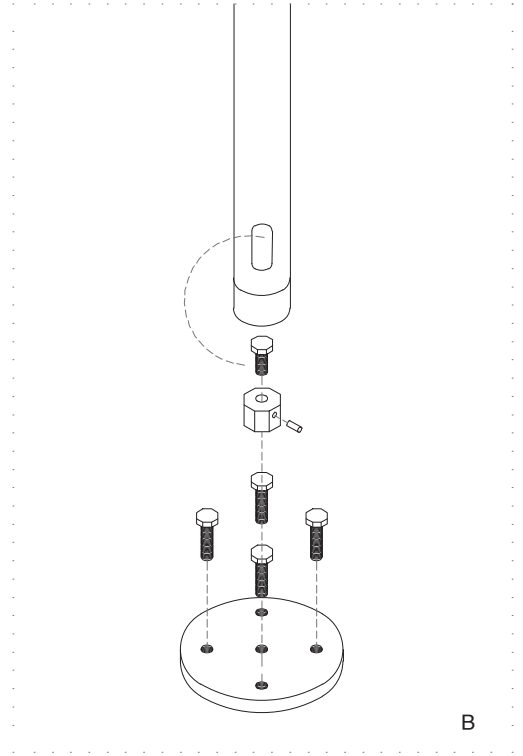
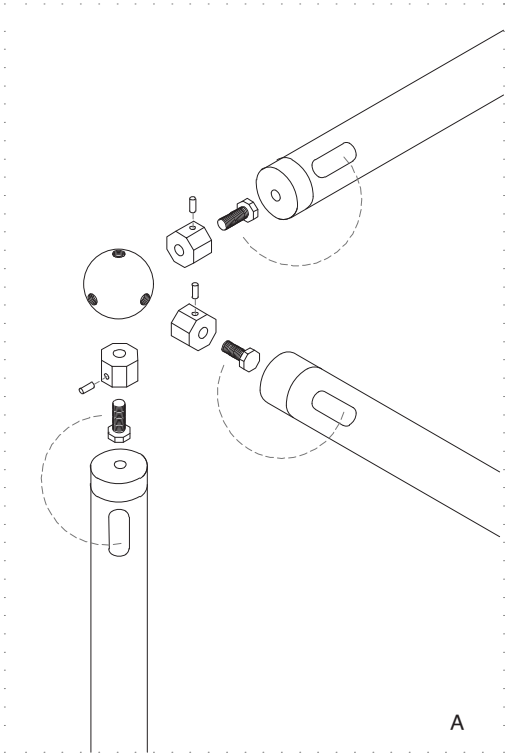
Funciona em conjunto com o módulo de comércio, servindo também o bairro

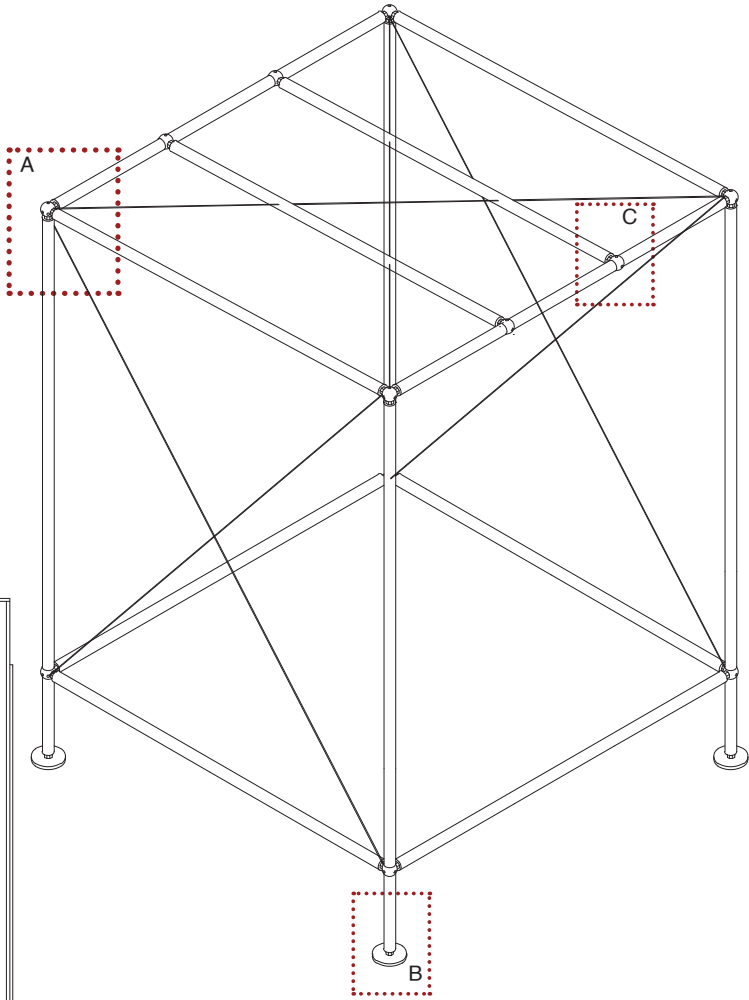
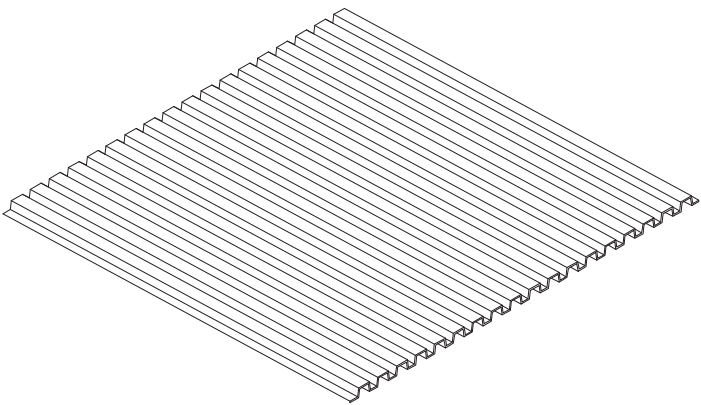
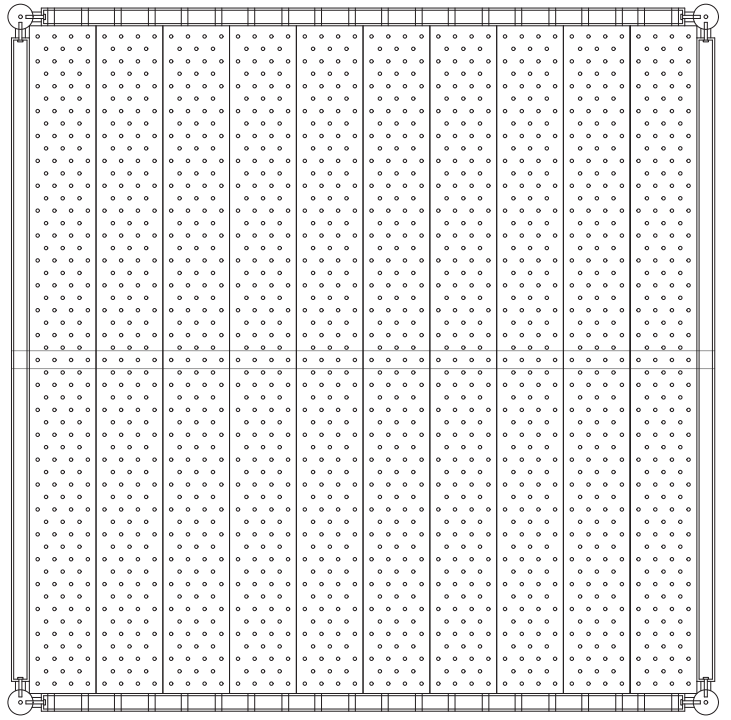
I. Módulo Atelier

Espaços de trabalho que podem ser alugados ou utilizados pela comunidade do bairro

J. Módulo Espaço Comunitário

Apoio ao espaço exterior, criando espaços de sentar e reunir

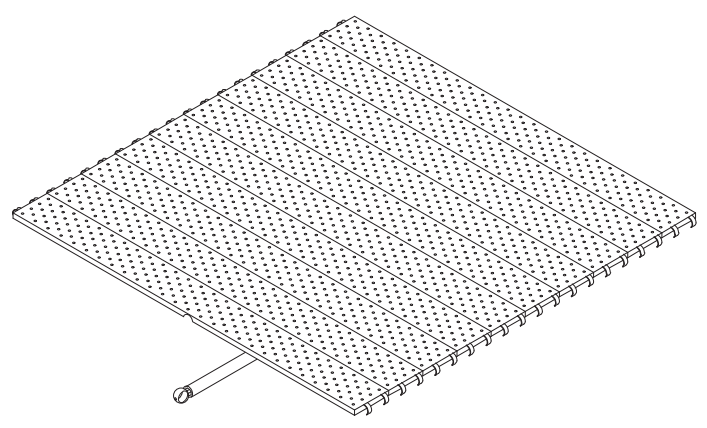


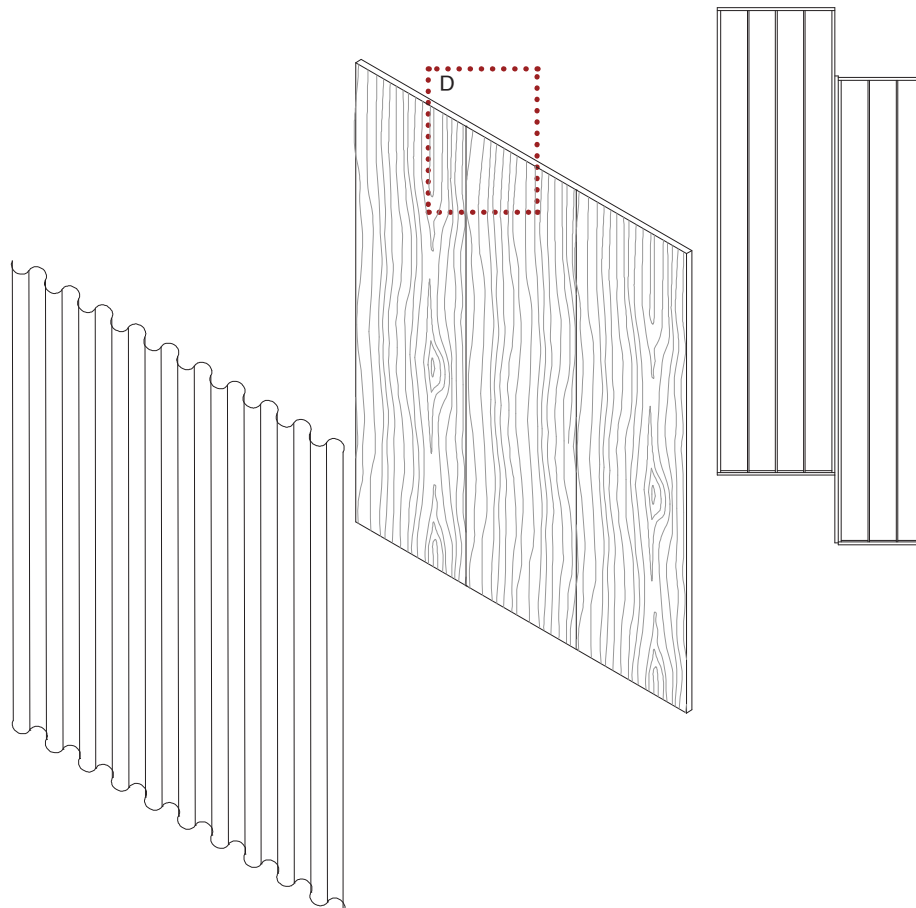
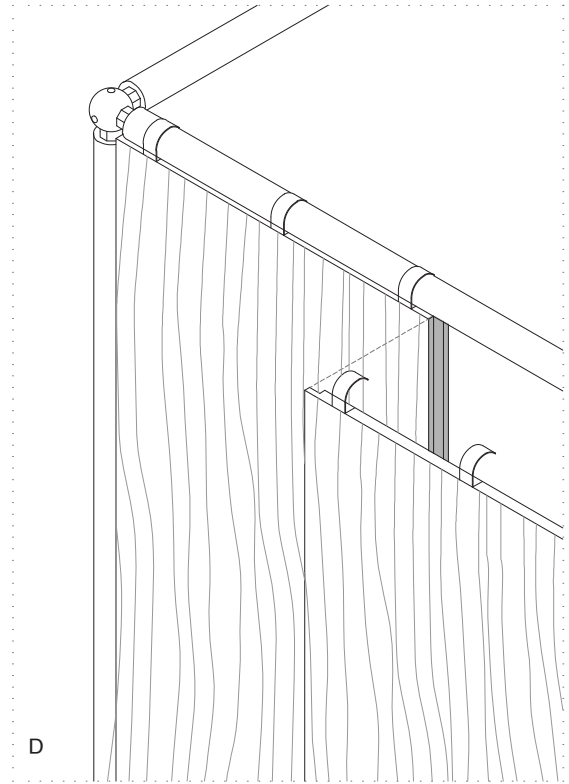
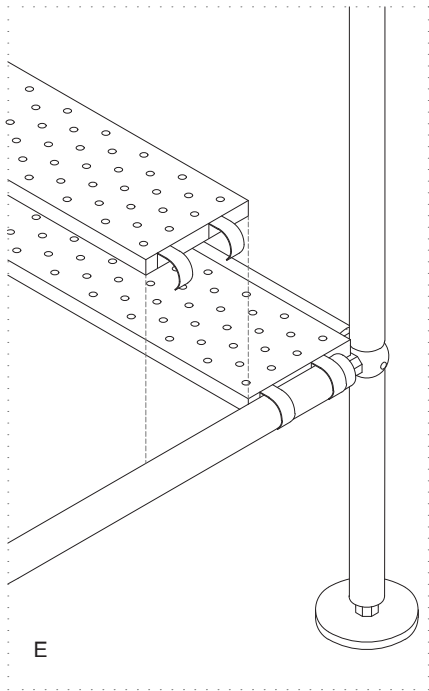


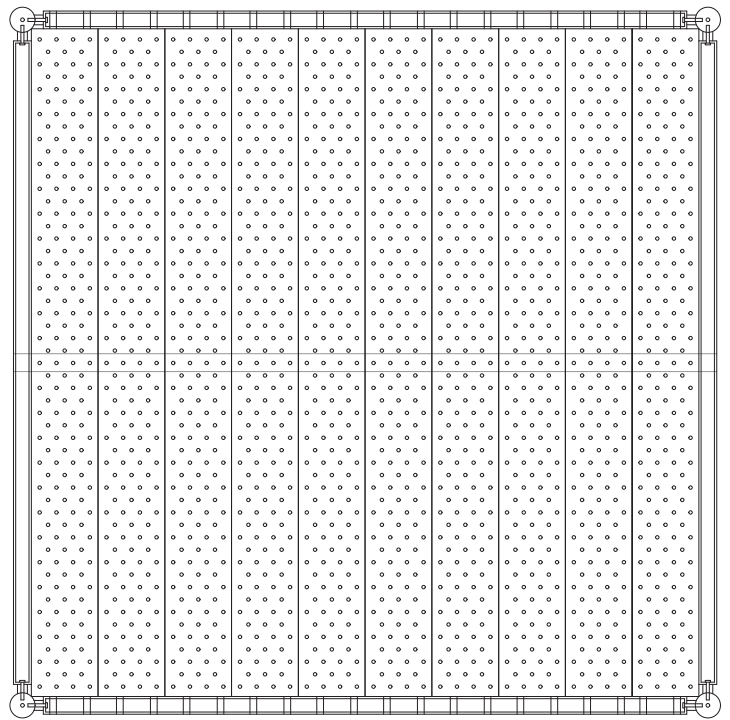
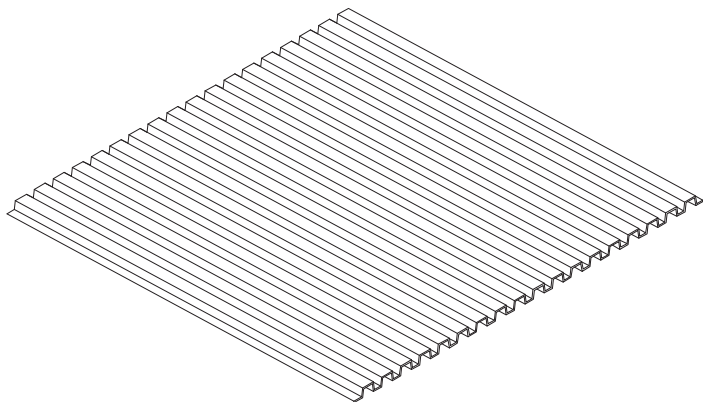
A. Sistema de nós com 6 perfurações permitem a uniam dos perfis tubulares, nas 6 direções pré-definidas

B. Sistema pés do módulo com ligação a sapata de betão

C. Sistema cobertura chapa metálica zincada

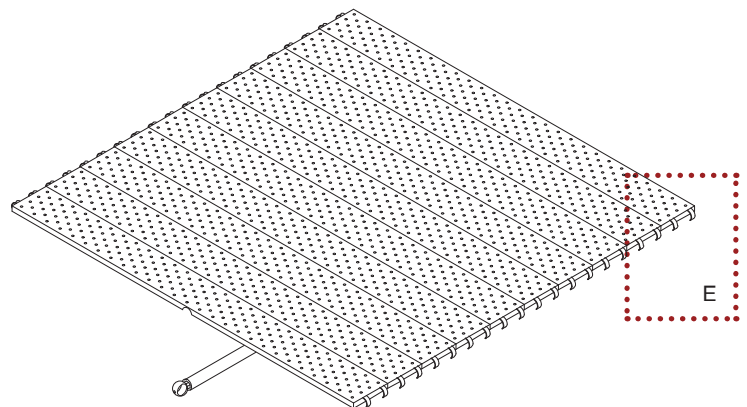
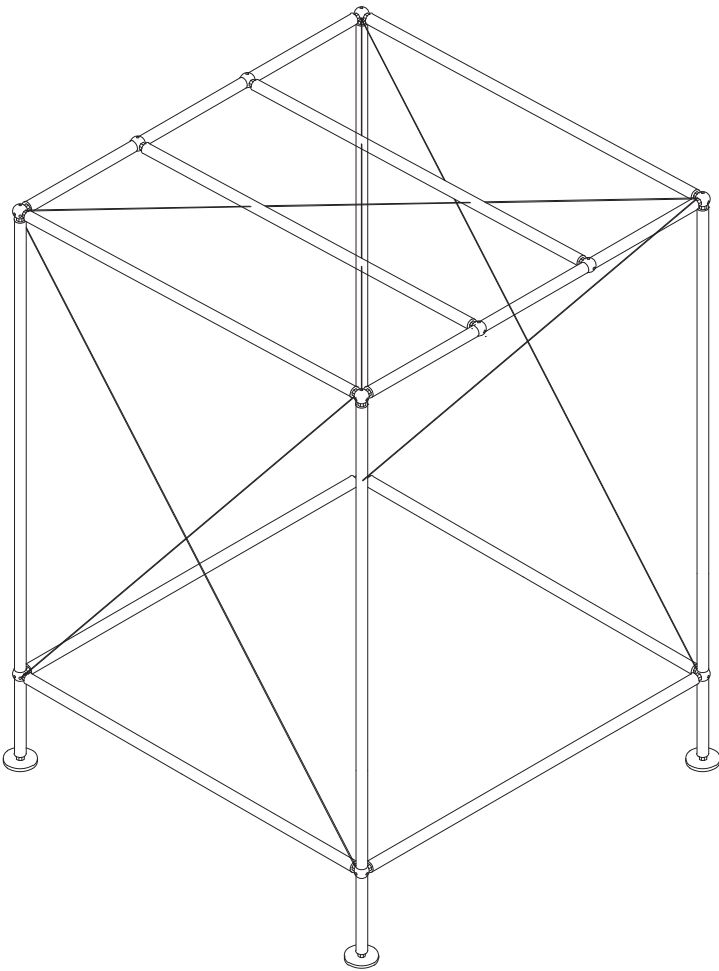






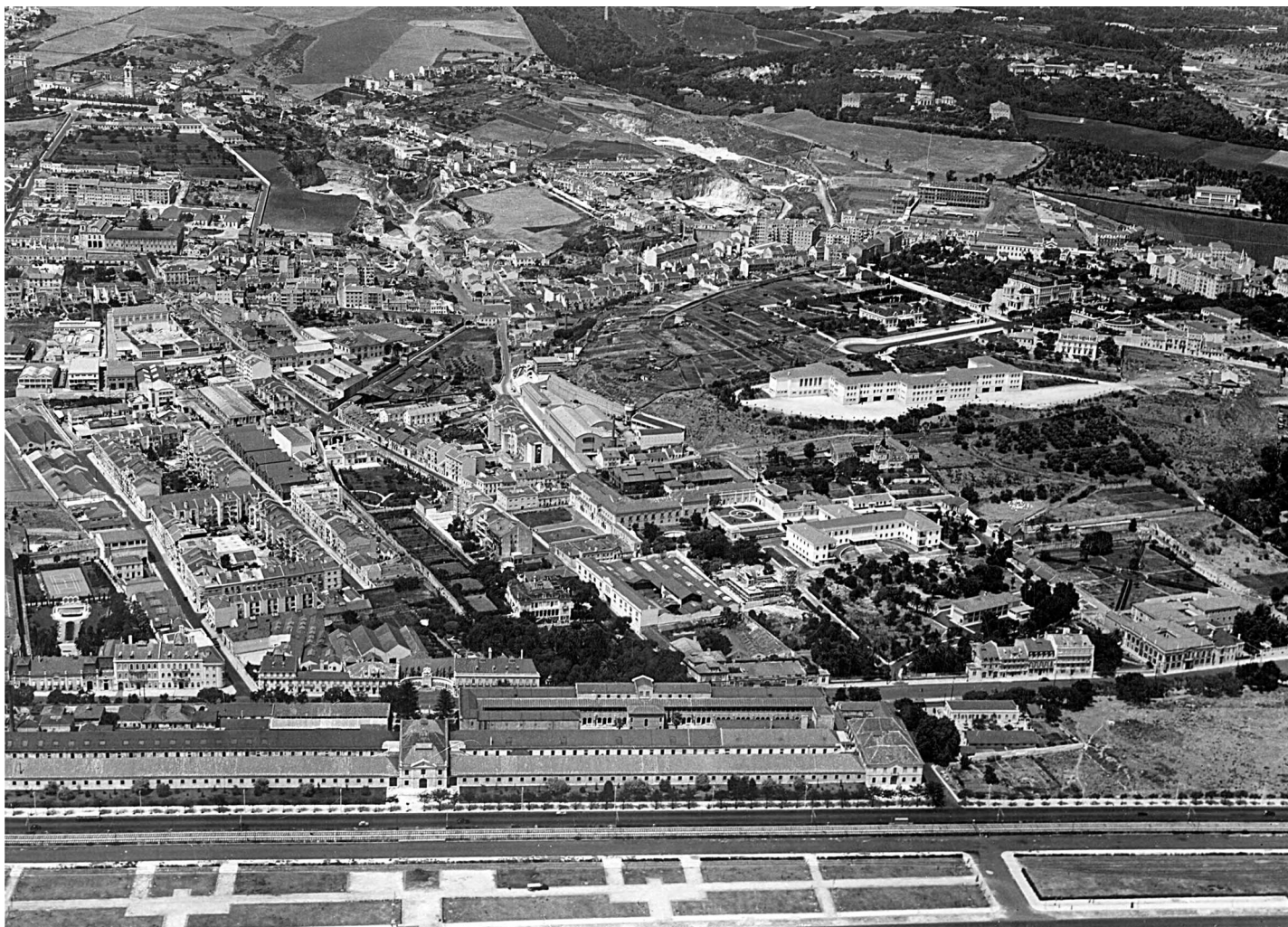
D. sistema fixação parede composta por painéis tricapa 3 mm espessura (3 x 1.00 m)

E. sistema pavimento pranchas metálicas perfuradas 30 cm largura (10 x 0.30 cm compõem o pavimento de um módulo)



Neste capítulo – Novas Passagens no Alto de Santo Amaro – e tendo por base os dois capítulos anteriores, que o enquadram, o primeiro através do exemplo de três casos de estudo que, transmite a possibilidade de intervenção nestes interstícios de quarteirão, e o segundo capítulo, por outro lado, que através da visão do bricoleur, informa o projecto quanto aos materiais a serem utilizados, pretende-se demonstrar na área de estudo, como mostrar a aplicação dos módulos nos três diferentes locais de intervenção, no Alto de Santo Amaro.

Localizado na freguesia de Alcântara, e enquadrado pelo Parque Florestal de Monsanto a norte e o Rio Tejo a sul, a área de estudo é resultado de um desenvolvimento tardio, que



Panorâmica Bairro Alto Santo Amaro

surgiu em diferentes momentos da evolução da cidade.

O bairro, como espaço de intervenção, é, na sua origem, e ainda hoje visível, resultado de diferentes tempos e fases de consolidação. Tendo origem no século XVI, com a construção da Ermida de Santo Amaro, construída num ponto alto, com relação para o rio Tejo é também desse período, a construção da calçada de Santo Amaro, primeiro arruamento do bairro. O século seguinte é marcado pelo aparecimento das grandes propriedades pertencentes a palácios, conventos ou quintas. E ainda, no período da revolução industrial, surgem as grandes fábricas, espaços ligados aos mais variados ofícios, bem como a zona habitacional do bairro, algumas delas, vilas operárias.

Deste modo, este processo de colagem de diferentes fazes da história do bairro marca o tecido urbano e torna-se fundamental para a compreensão da morfologia urbana actual, justificando, possivelmente, não só a falta de ligação entre os diferentes espaços do bairro, por nunca ter sido pensado em conjunto, como também a carência de espaços públicos no tecido urbano do bairro, onde os únicos espaços de encontro, possíveis de utilizar são o Jardim Avelar Brotero e o Miradouro junto à Ermida de Santo Amaro.

As novas passagens, propostas para três pontos distintos no bairro – junto ao antigo largo do Rio Seco, na Calçada de Santo Amaro e no interior de quarteirão junto à Rua Giestal onde se encontra as ruínas de uma

antiga fábrica – surgem, não só da necessidade de repensar ligações e criar atalhos no tecido urbano existente como também como processo de interligar os novos projectos ao bairro. Sendo exemplo os projectos – A cidade de, e para todos: o lugar-comum transformador e em transformação, de Carolina See, no baldio junto à calçada de Santo Amaro, a Paisagem pela ausência, de Beatriz Beato, localizado na antiga pedreira e O Campo como Infra-estrutura: o percurso e drenagem da água no desenho do espaço público, de Raquel Pereira.

É nos interiores de quarteirão que se encontra a oportunidade de realizar estas novas ligações. Esta escolha permite, não só resolver estes espaços de interior de logradouro inacessíveis ao bairro, de um modo geral mal aproveitados com construções de anexos, como também oferecer novos espaços públicos, a outra escala, proporcionando microambientes singulares, pouco existentes no Alto de Santo Amaro.

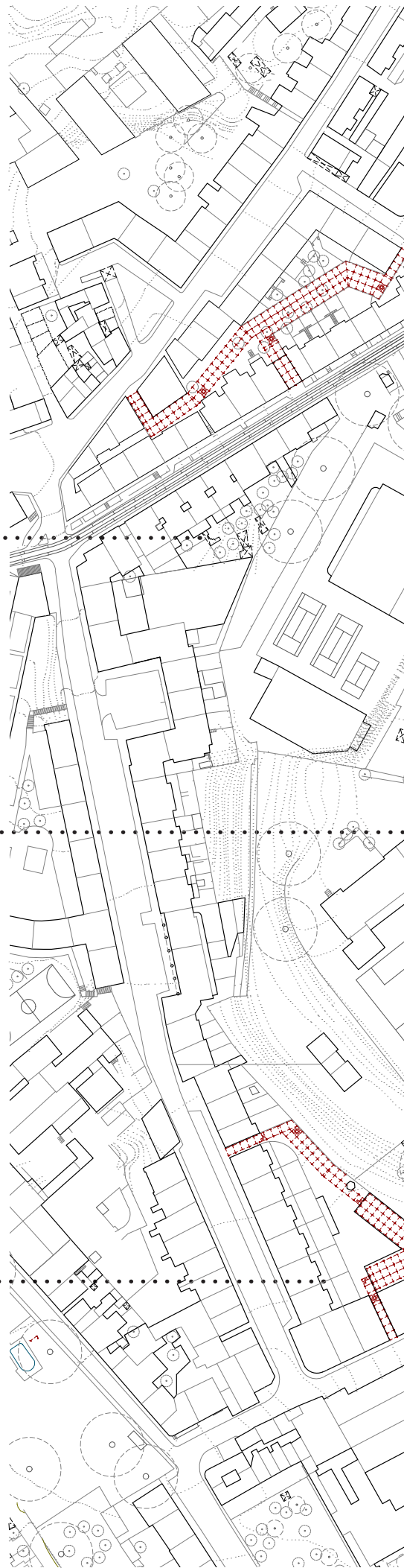




1. Passagem Largo Rio Seco

2. Passagem Calçada de Santo Amaro

3. Passagem antiga fábrica





A primeira passagem está localizada no interior do quarteirão, limitado pela Rua Dom João de Castro, Rua Aliança Operária e Rua Frei Bartolomeu dos Mártires, junto ao largo do Rio Seco. Um interior de quarteirão caracterizado pela ocupação de logradouros e anexos construídos clandestinamente. A proposta de tornar este quarteirão atravessável ao público passa, pelo redimensionamento dos logradouros onde cada edifício envolvente ao quarteirão continua a possuir o seu próprio espaço de logradouro, sendo este individual a cada edifício.

Com acesso a três cotas distintas – Rua Dom João de Castro (cota 20) onde, aproveitando um interstício existente entre dois edifícios permite fazer a ligação ao largo do rio seco,

local de intervenção do projecto uma praça em cada bairro; Rua Aliança Operária (cota 31) onde através da demolição de um edifício em ruínas permite criar ligação ao projecto Passagem pela ausência, localizado no território da antiga pedreira de Santo Amaro e, por última, a ligação à Rua Frei Bartolomeu dos Mártires (cota 32) conectando este interior à zona este, onde se localizam as antigas vilas operárias.

Deste modo, o percurso pretende revitalizar os vários espaços comerciais, que surgiram no bairro de Santo Amaro e que começam a desaparecer, como é o caso das lojas de matérias de construção, resistências elétricas e ferragens, existentes na envolvente do quarteirão, todas elas



Ligação Rua Dom João de Castro

ligadas ao ofício. Estes interiores oferecem ainda espaços públicos intersticiais que funcionam como continuo ao projecto definido pela câmara “uma praça em cada bairro” para o largo do Rio Seco.



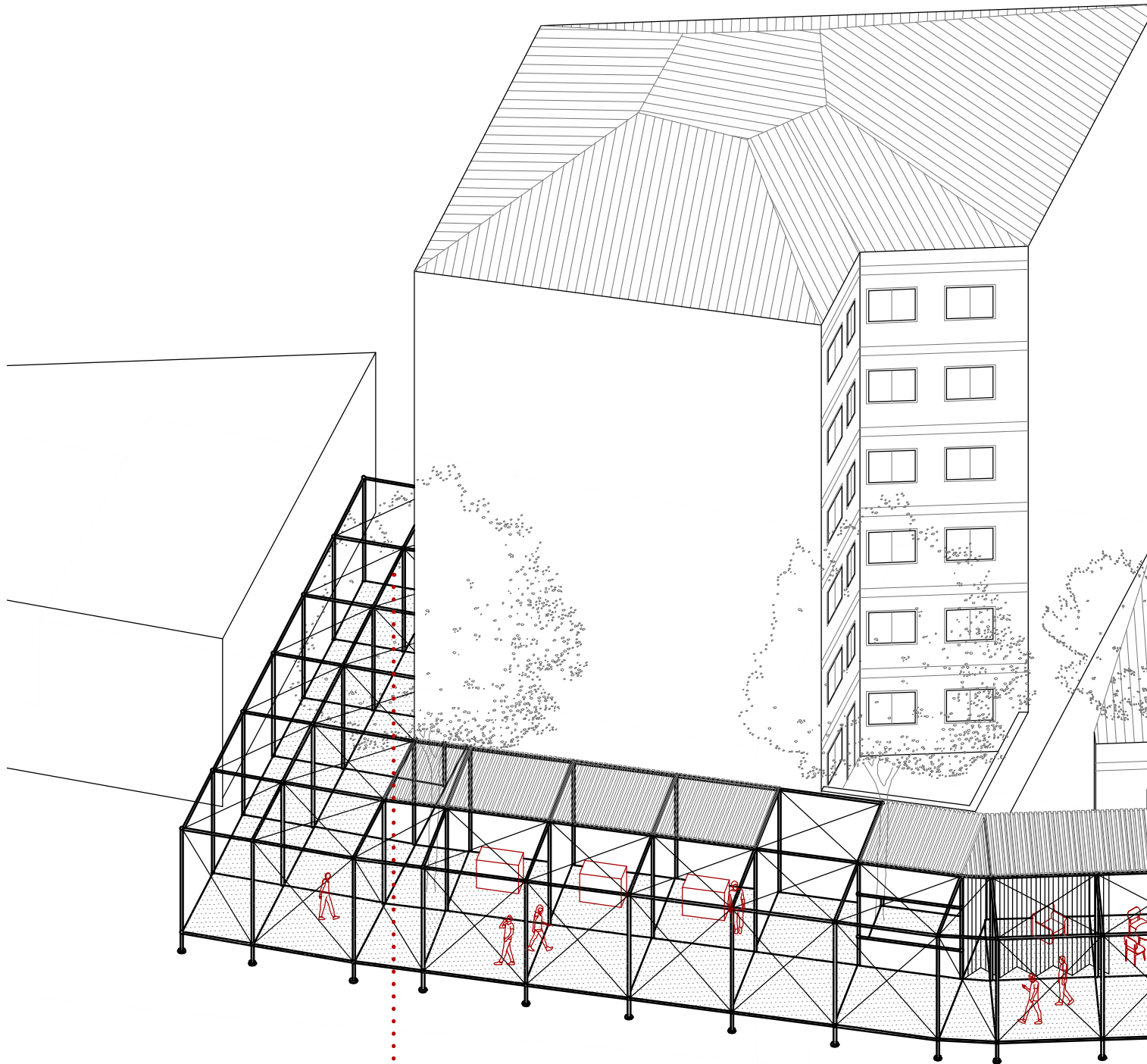
Ligação Rua Aliança Operária



Ligação Rua Frei Bartolomeu dos Mártires

Novas Passagens Alto Santo Amaro
Passagem Largo Rio Seco

14



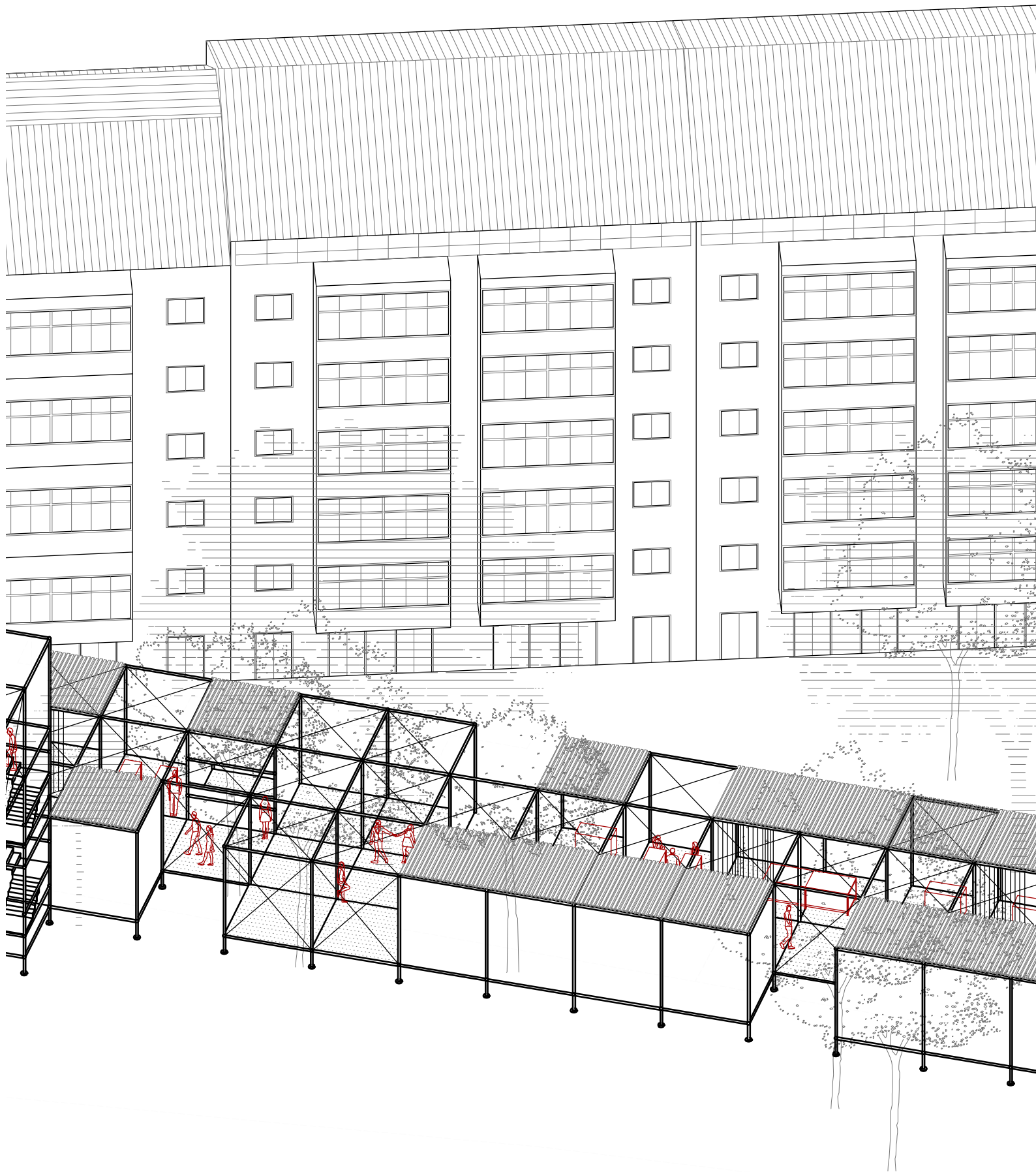
• Ligação
Rua Dom João de Castro – Cota 20

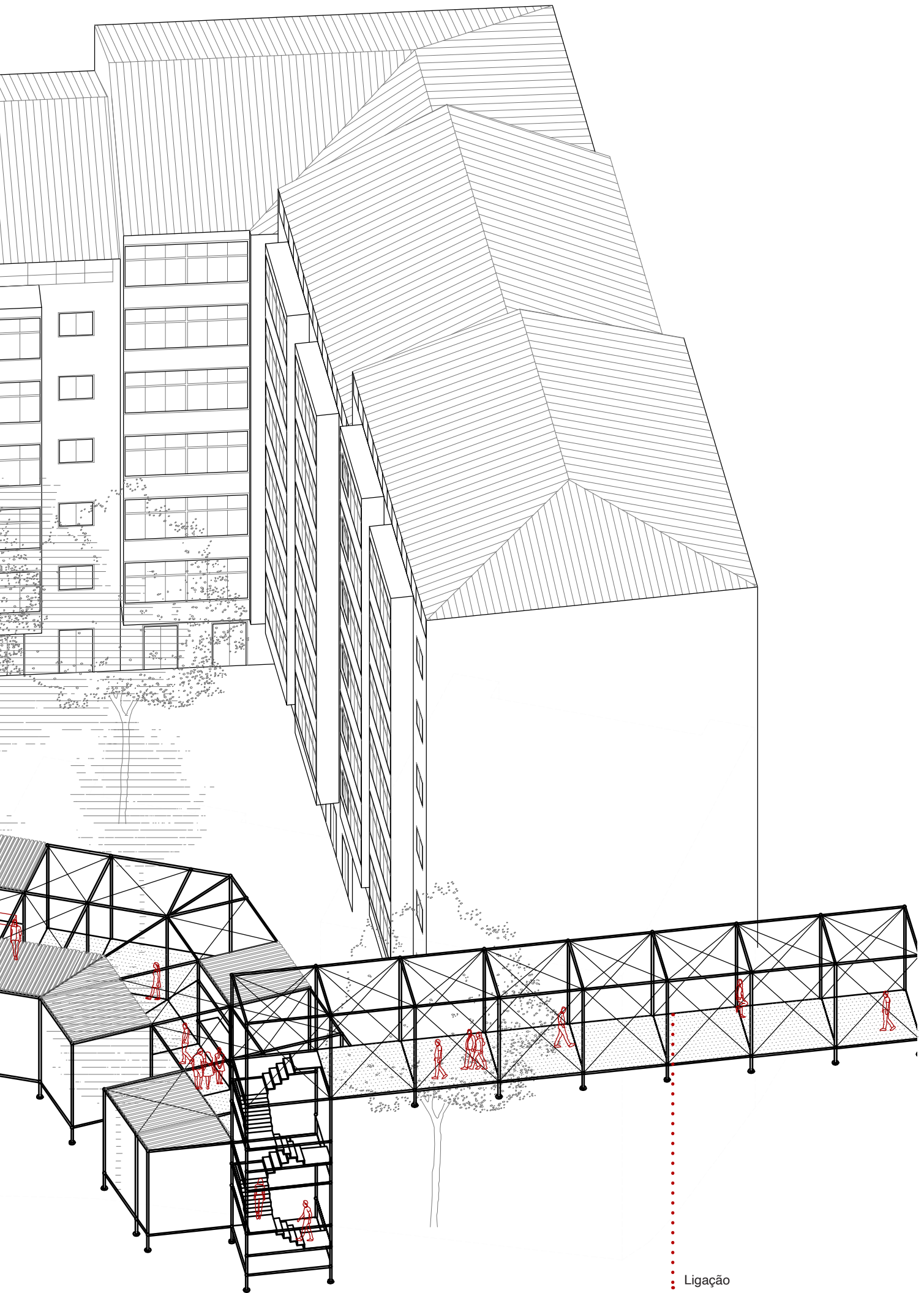


Ligação

Rua Aliança Operária – Cota 31

Novas Passagens Alto Santo Amaro
Passagem Largo Rio Seco

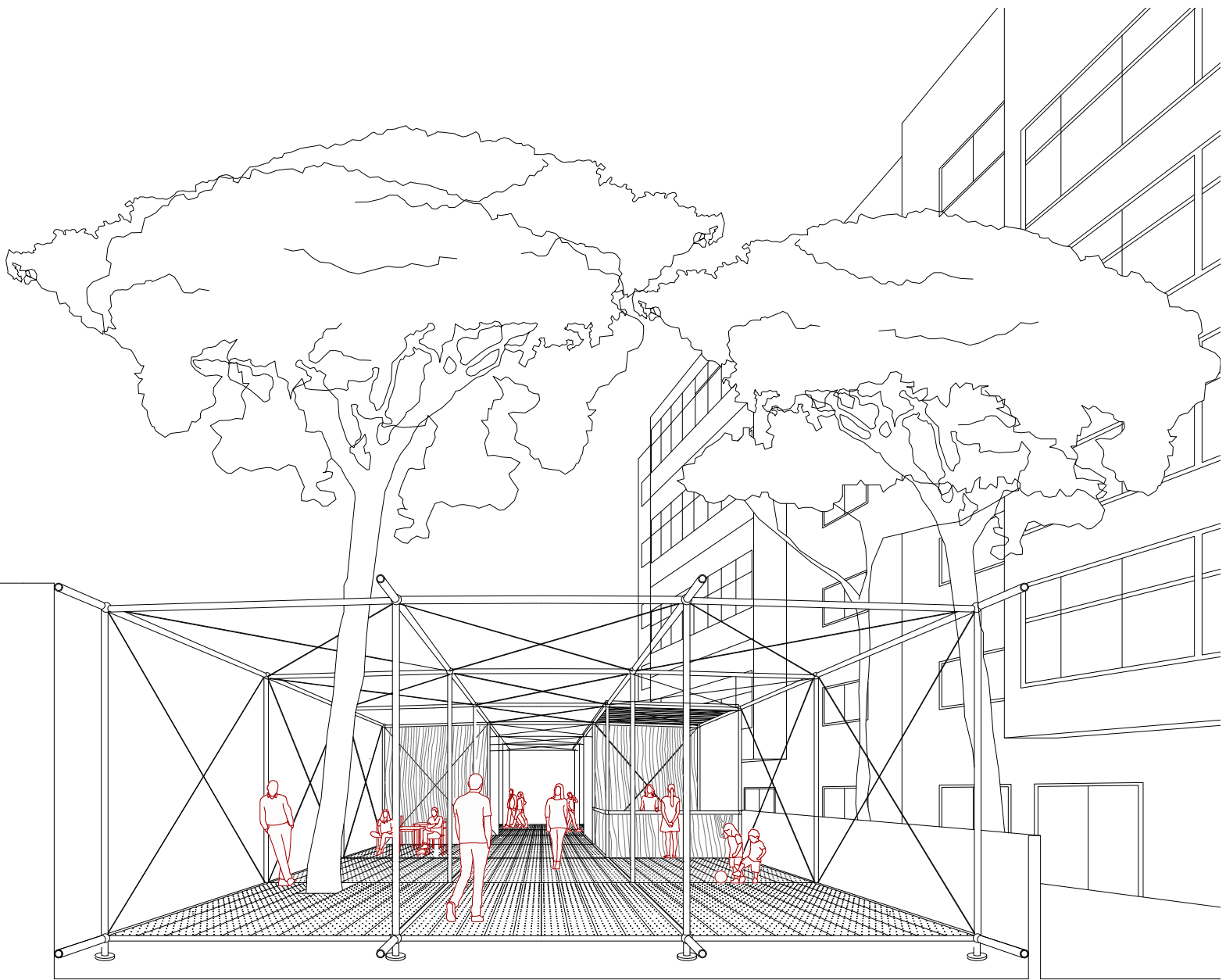




• Ligeção



Perspectiva interior passagem (direita) e fotografia do Alto Santo Amaro ambiente pretendido interior passagem (esquerda)



A última passagem, localizada entre a Calçada de Santo Amaro, e o cruzamento da Rua Soares de Passos com a Rua Filinto Elísio é singular quando comparada às restantes passagens apresentadas para o bairro, não só devido à sua dimensão ou por não se tratar do interior de quarteirão como também porque a níveis programáticos se tratar apenas de um atravessamento.

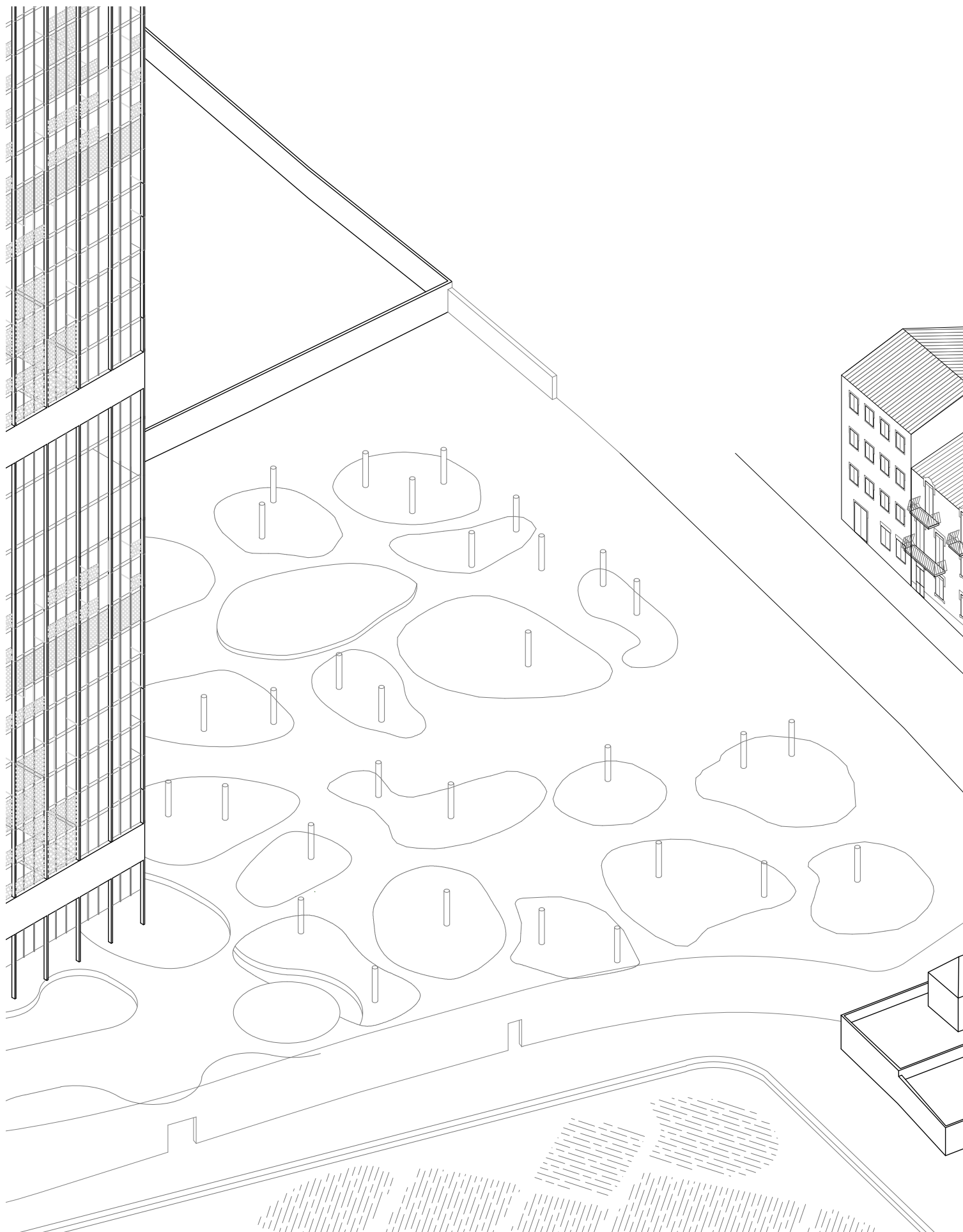
Contudo, esta passagem surge da necessidade de interligar as duas ruas, ao qual o edifício a intervir se mostrava uma barreira. Esta questão veio a intensificar-se com a construção do projecto A cidade de, e para todos: o lugar-comum transformador e em transformação, onde é proposto uma torre e um jardim no baldio em frente à passagem, reforçando assim a necessidade de relacionar o mesmo com o lado este do bairro.

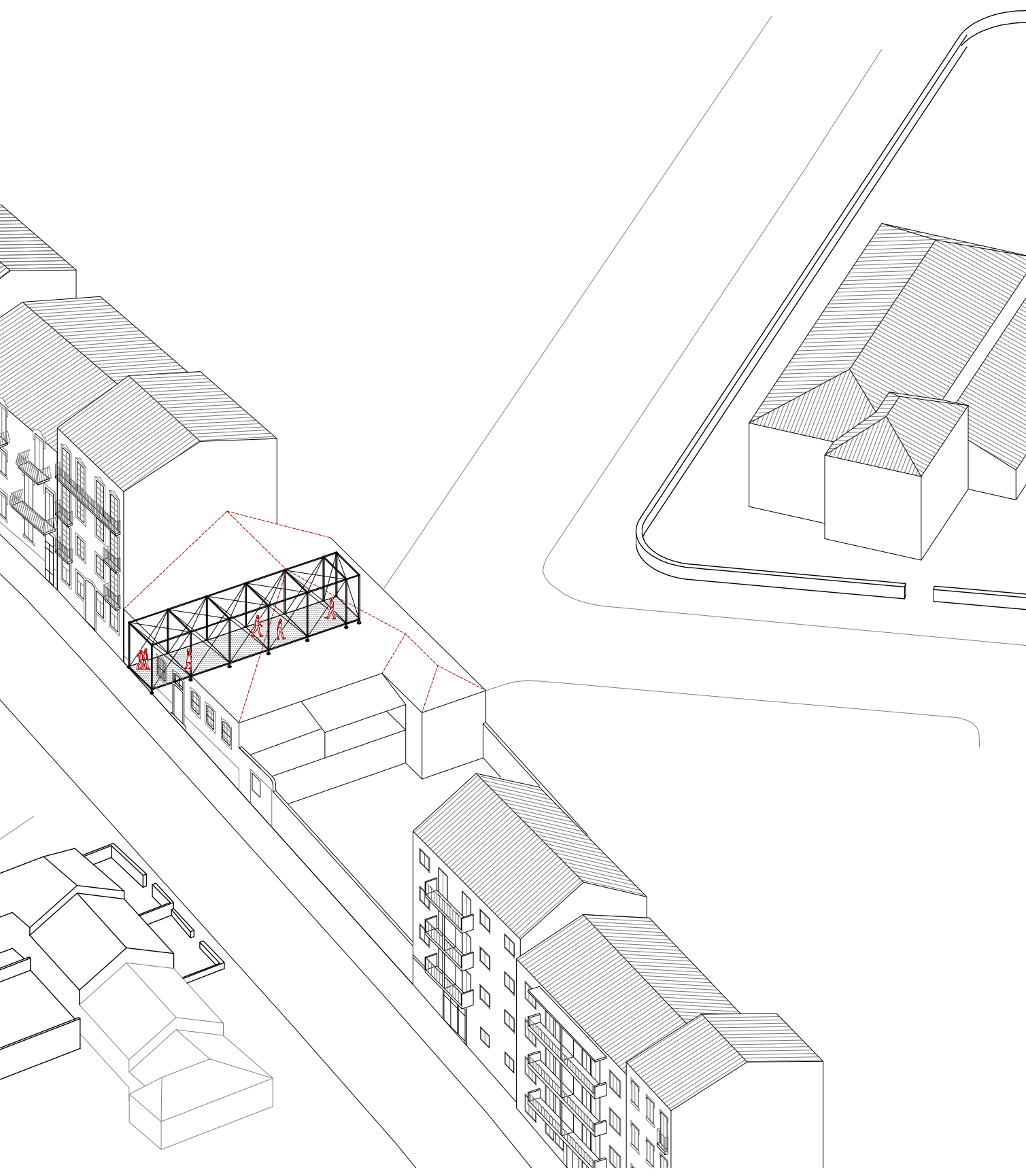
Edifício onde se propõem nova ligação



Novas Passagens Alto Santo Amaro
Passagem Calçada Santo Amaro

67



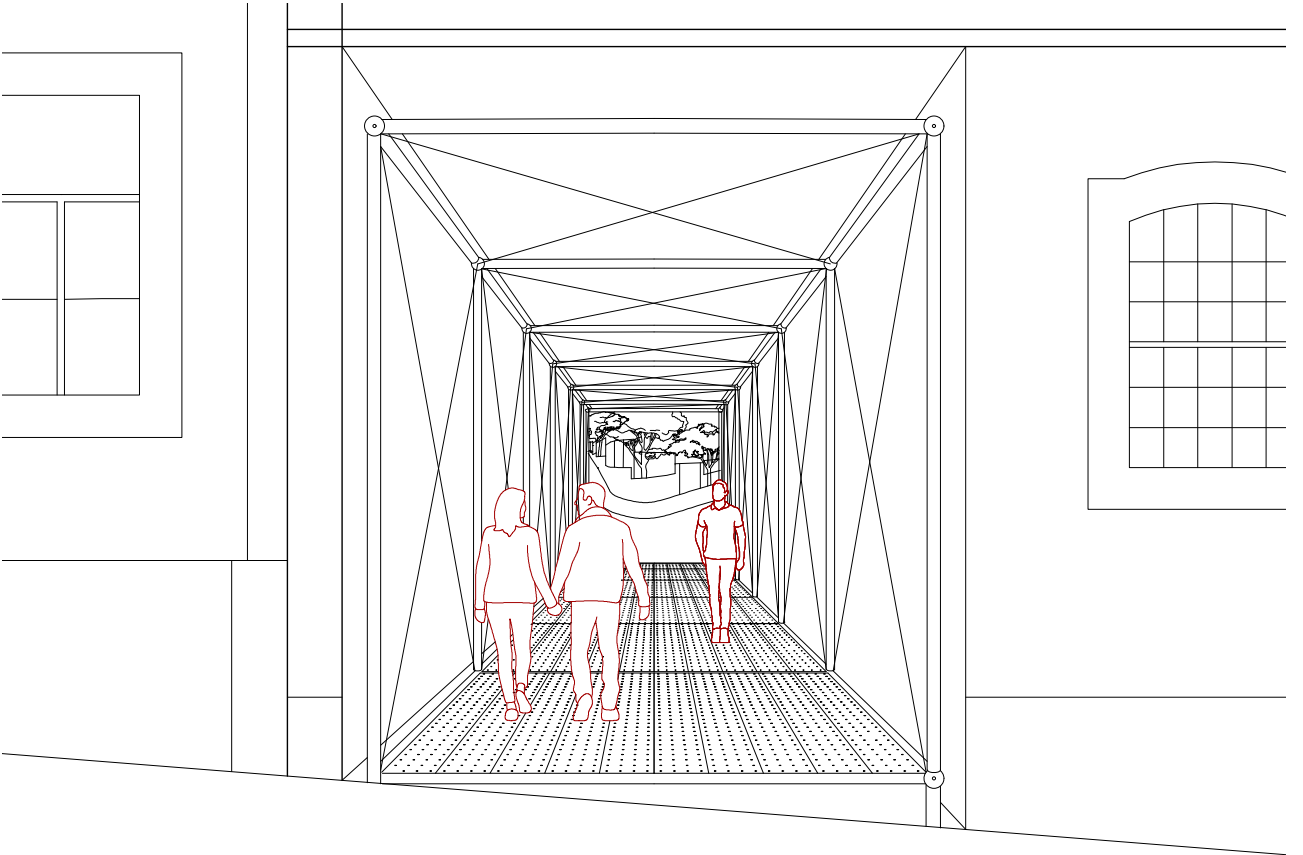


Novas Passagens Alto Santo Amaro
Passagem Calçada Santo Amaro

151



Perspectiva Passagem Calçada Santo Amaro (direita) Cruzamento da Rua Soares de Passos com a Rua Filinto Elísio (esquerda)



Marcado pela presença das ruínas de uma antiga fábrica automóvel, a intervenção no interior deste quarteirão, localizado entre a Rua Giestal e a Travessa Giestal, surge da descoberta de uma passagem já existente na travessa Giestal que possibilitava aceder a este interior de quarteirão, mas que, no entanto, era privada e por isso inacessível ao público. Deste modo, a premissa do projecto passa por permitir a ligação entre três pontos - a Rua Giestal (cota 21) e Travessa Giestal (cota 20) e o projecto O Campo como Infra-estrutura: o percurso e drenagem da água no desenho do espaço público e o projecto Paisagem pela ausência de Raquel Pereira (cota 34) o que, no conjunto,

permite ligar o bairro que se divide devido à construção dos grandes equipamentos de escolas no centro – ao mesmo tempo que oferece novos espaços públicos ao bairro.

O quarteirão, localizado numa zona marcada pela presença de grandes equipamentos, que caracterizam esta área do bairro, dos quais se destacam a Escola Rainha Dona Amélia e o CINEL- Centro de Formação Profissional da Indústria Eletrónica, Energia, Telecomunicações e Tecnologia da Informação. Assim, tendo em conta não só os usos envolventes ao quarteirão, os módulos programáticos ao longo do programa adaptam-se a esta zona do bairro, menos residencial, quando comparada à anterior.

Ligação Travessa Giestal (vista interior)



Vista Fábrica



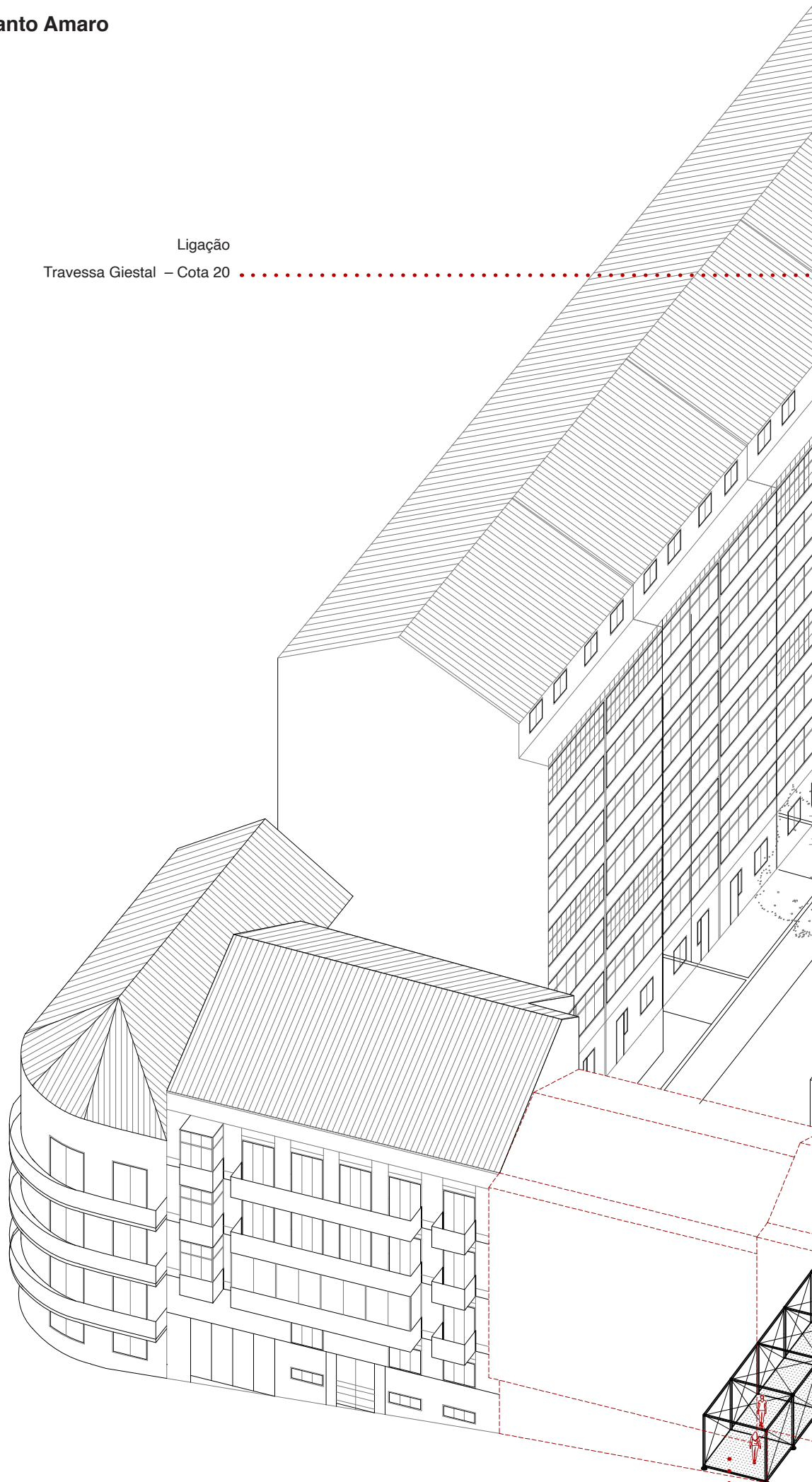


Novas Passagens Alto Santo Amaro
Passagem antiga Fábrica



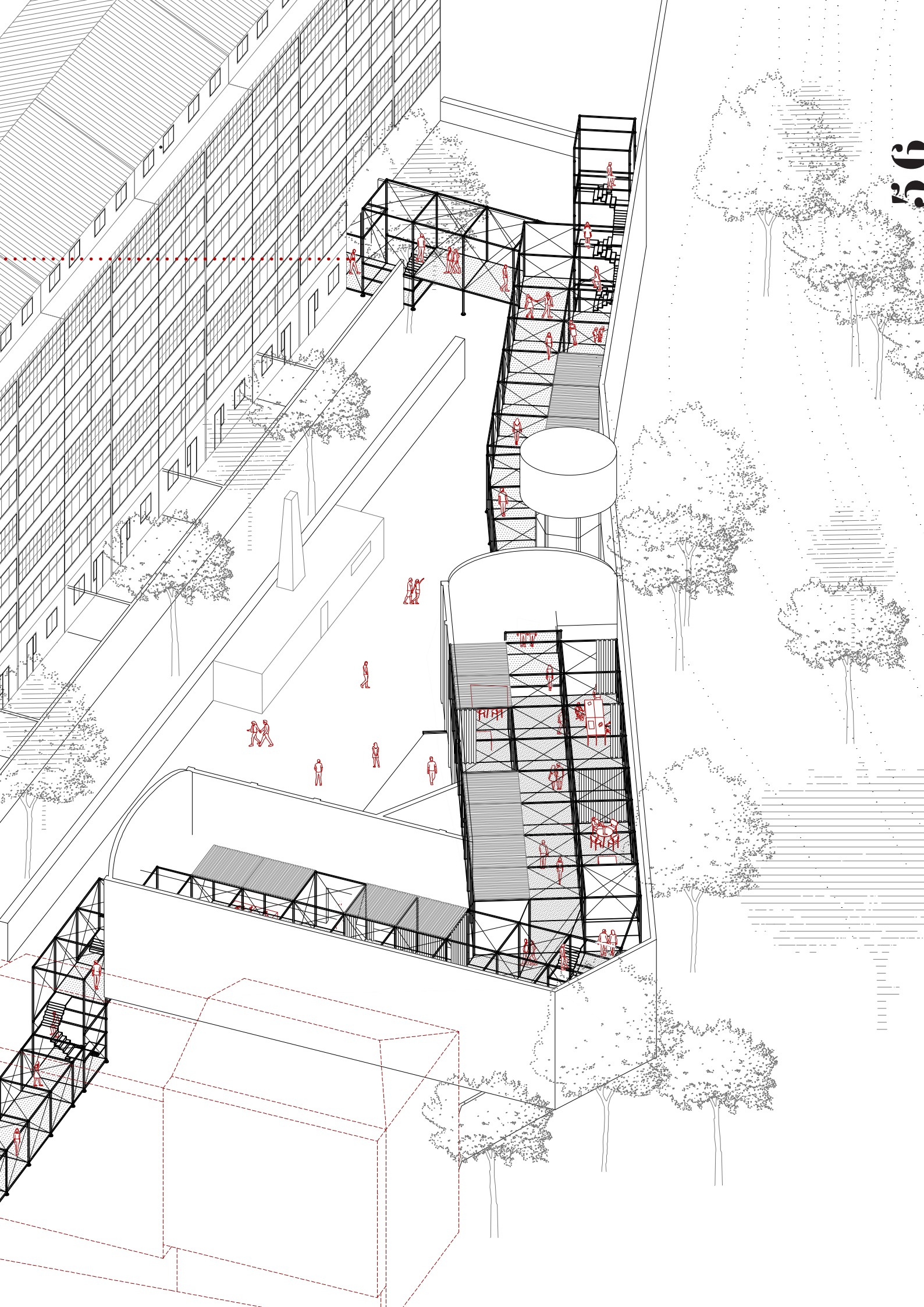
Ligação

Travessa Giestal – Cota 20



Ligação

Rua Giestal – Cota 21

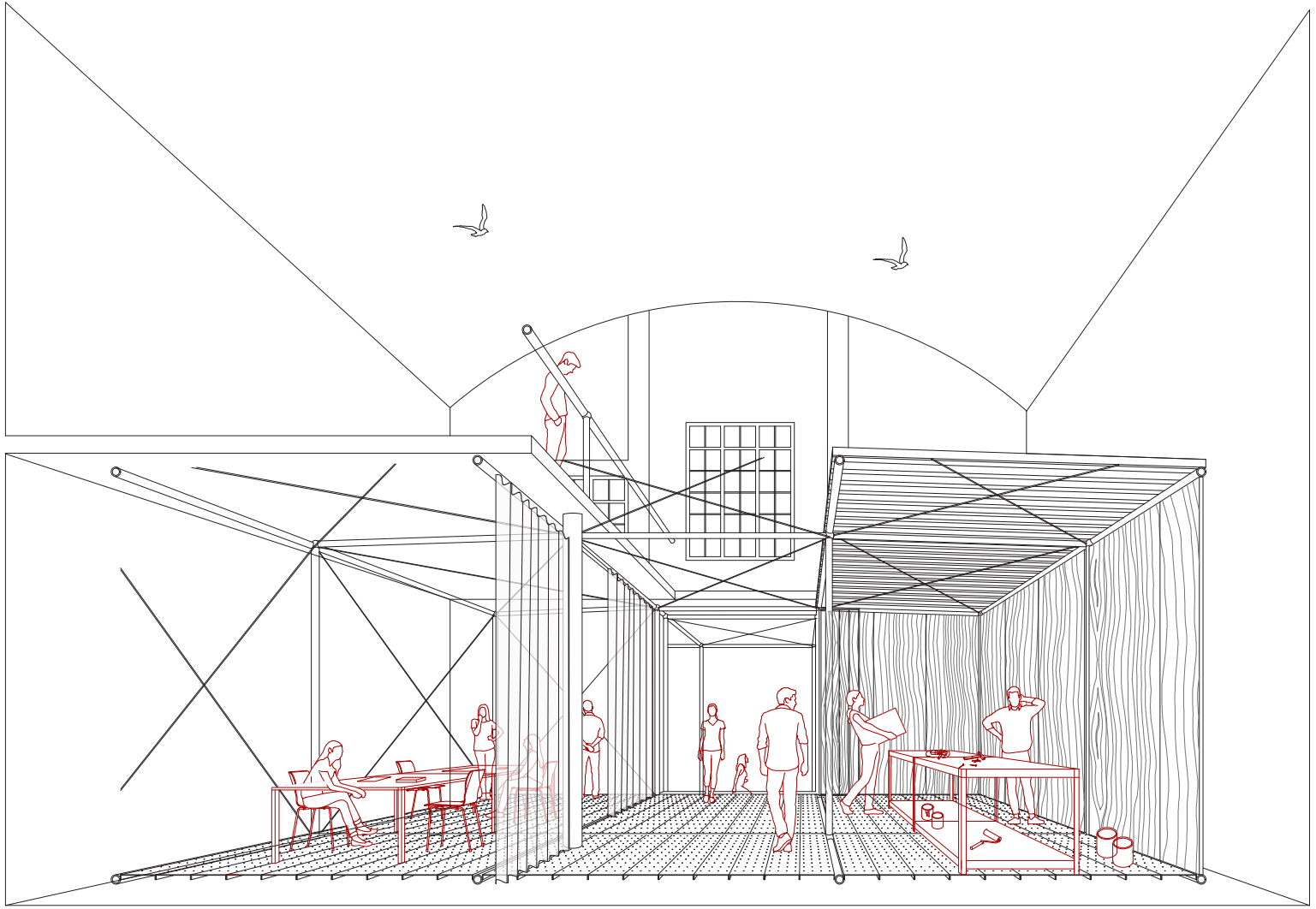


Novas Passagens Alto Santo Amaro
Passagem antiga Fábrica

57



Perspectiva Interior Passagem (direita) Imagem Fábrica (esquerda)



A presente investigação, relativa à criação de novos espaços de passagem, utilizando espaços intersticiais do tecido urbano, como são exemplo os interiores de quarteirão, revela a importância que estes espaços podem ter na Cidade. Espaços resguardados, e distantes da agitação das ruas principais. Estas passagens, na cidade de Lisboa, parecem assumir uma maior importância, como consequência da topografia que a define, permitindo criar atalhos entre ruas, espaços ou edifícios. O que se torna visível com os casos de estudo da Reconversão do Chiado ou do Quarteirão Império.

Também, como resposta à densificação, dos grandes centros urbanos, a utilização dos interstícios demonstra relevância, permitindo não só criar atravessamentos e novas ligações,

como também agregar diferentes programas e espaços públicos, muitas vezes pouco comuns nas Cidades densificadas.

ADAM, Jean-Pierre – Roman Building: Materials and Techniques, Routledge, 1999. ISBN 0-203-98436-6

BUCKLEY, Craig – Graphic Assembly: Montage, Media, and Experimental Architecture in the 1960s, London: University of Minnesota Press, 2019. ISBN: 1517901618

BLAU, Eve – The Architecture of Red Vienna 1919-1934, England, Cambridge Massachusetts, 1999. ISBN: 9780262024518

CLAUDE, Levi-Strauss – La Pensée Sauvage, Paris, Plon, 1962. ISBN: 9782266038164

EAMES, Charles e EAMES, Ray – An Eames anthology, England, Yale University Press, 2015. ISBN: 978-0-300-20345-5

GEIST, Johann Friedrich – Le passage, Un type architectural du XIX siècle, Bruxelles: Pierre Mardaga, 1982. ISBN 2-870-0931-52

HERTZBERGER, Herman – Lessons for Students in Architecture, Publishers, Rotterdam, 2005. ISBN: 9064505624

ISAACS, Ken – How to build your own living structures, Canada, Harmony Books, 1974.

JENKS, Charles e Silver, Nathan – Adhocism, the case for improvisation, England, Cambridge, 2013. ISBN: 9780262518444

WALTER, Benjamin – The Arcades Project, England: Harvard University Press, 1999. ISBN 0-674-04326-X

ROWE, Colin e KOETTER, Fred – Collage City, England: The MIT Press, 1978. ISBN: 9780262680424

SENNETT, Richard – The

Craftsman, England: Yale University Press, 1943. ISBN: 978-0-300-11909-1

SIZA VIEIRA, Álvaro – Chiado em detalhe, Álvaro Siza, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa : Verbo, 2013 . ISBN: 978-972-22-3097-1

SIZA VIEIRA, Álvaro – Reconstrução chiado, Porto: Figueirinhas, 2000 ISBN: 9789879789871

Artigos

FOUCAULT, Michel – Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias, 1984.

GUERREIRO, Rosália – interstícios urbanos e o conceito de espaço exterior positivo, ISCTE, 2008.

LATOUR, Bruno – The Berlin key or how to do words with things. Graves-Brown, Paul – Matter, materiality and modern culture. London: Routledge, 2000. ISBN 0-415-16705-1.

Teses, Dissertações e Trabalhos Académicos

CONDEIXA, Margarida – Interiores de quarteirão, uma perspetiva de um novo espaço público em Lisboa. ISCTE, 2018. Tese mestrado

VASCONCELOS, Diogo – Jamais Moderno: a bricolage como processo de projecto. FCTUC, 2013. Tese Mestrado

Audiovisuais

FIGUEIRA, Jorge – Siza Vieira conta como foi o projecto de recuperação do Chiado [registo vídeo] Lisboa: Público